

Para a Gail Annan

*E o meu profundo agradecimento à Jules
por apoiar generosamente o Barts Cancer Centre of Excellence*



Capítulo 1

Vá lá, podes dizer — disse Nancy, porque era tão óbvio o que Carmen estava desejosa por dizer ao telefone. Os miúdos de cinco anos tinham maior autocontrolo do que Carmen.

A oitocentos quilómetros de distância, em Londres, Carmen respondeu inocentemente: — Não sonharia dizer-te eu bem te avisei. Todos sabemos o que acontece a amigos que fazem isso. Foste tu que casaste com o Jonathan, por isso é evidente que achaste que ele era o supra-sumo. Se eu naquela altura te tivesse dito o que achava que ele era, ficavas a odiar-me. Foi por isso que fingi gostar dele.

Nancy sorriu para dentro, pensando que na realidade deveria estar a chorar. — E é por isso que não tens um Bafta. Podes ter tentado fingir, mas não enganaste ninguém.

— Ah, mas eu não te disse que achava que ele era um idiota, e é isso que interessa — disse Carmen. — Não sentiste que tinhas de tomar o partido dele o tempo todo, que precisavas de andar sempre a defendê-lo, percebes? Porque se eu te tivesse dito, tu também não terias ligado nenhuma. E teríamos acabado por nos zangarmos.

— Ai sim? — Nancy não se imaginava a zangar-se com Carmen. Eram inseparáveis desde os oito anos.

— Não teria sido fácil. De qualquer forma, foi por isso que não disse. E é por isso que ainda somos amigas — disse Carmen alegremente.

— Se quiseres, ainda podes dizer que bem me avisaste.

— Nancy estava a sentir-se generosa.

— Obrigada, mas vou esperar até desligar o telefone. Sou educada a esse ponto. — Mais seriamente, Carmen disse:

— Tens a certeza de que estás bem?

Estaria? Quem podia dizer-lhe? Nancy desconfiava que estava, na realidade, num ligeiro estado de choque. Afinal, era manhã de Natal. Para ela o dia de Natal era um dia tão feliz que era bastante difícil aceitar o que tinha acontecido. Quando se tinha posto tanta dedicação a comprar e a embrulhar presentes, a enviar cartões, a escolher uma árvore e a decorar a casa... bem, a situação adquiria uma dimensão única.

Quando passara tanto tempo a preparar-se para o Natal, era difícil imaginar não... bem, seguir em frente e ter um.

— Estou ótima — disse Nancy, porque a última coisa que queria era que Carmen se preocupasse com ela. — A mamã chega daqui a pouco para me dar uma ajuda com o almoço.

— E tu não vais mesmo dizer-lhe?

Nancy fechou os olhos. — Queres dizer, arruinar-lhe por completo o Natal? — Comparado com a devastação que aquilo causaria, guardar a novidade para ela seria canja. — Sabes o que a minha mãe sente em relação ao Jonathan. Ela ia ficar destroçada.

— Ok, tu é que mandas. — Maliciosamente, Carmen disse: — E lá vais tu descascar as cherivias como uma boa esposa. Alguma vez as experimentaste escalfadas em mel e arsénico?

— Se tivesse experimentado, não estaria aqui para te contar, pois não?

— Vês? Sempre foste a mais inteligente. É melhor deixar-te ir. Dá-me notícias — disse Carmen. — Dá-me uma apitadela esta noite.

— Ok. Obrigada — disse Nancy. Depois acrescentou: — Estás bem?

— Eu? Estou ótima!

Nancy sentiu um peso na consciência, porque se havia alguém que merecia que se preocupassem com ela no Natal era Carmen. Caso o nosso marido tivesse morrido há três anos — e, ao contrário dela e de Jonathan, Carmen fora totalmente dedicada a Spike —, tinha-se direito a estar deprimida. — Bem, cuida de ti. Eu ligo-te logo à noite quando tiver oportunidade.

— Mal posso esperar. E não te esqueças — disse Carmen com alegria —, o mel disfarça o sabor do arsénico.

Teria aquilo acontecido realmente naquela manhã? Teria sido realmente há menos de três horas que o mundo dela tinha começado a desmoronar?

Ok, talvez não o mundo todo, mas certamente o seu casamento.

Com a respiração a embaciar a janela do quarto da casa de quatro assoalhadas, Nancy olhava para o jardim coberto de gelo reluzindo ao sol como um daqueles cartões de Natal cintilantes que a tia Mags tanto gostava de mandar. O céu estava sem nuvens e tinha um tom de azul nada característico daquela estação. Ao longe, para lá de Kilnachranan, as montanhas projectavam-se dramáticas com os seus picos

cobertos de neve. O jardim propriamente dito, com o seu terço de hectare, estava coroado com uma brancura cintilante e lindo de morrer.

E lá em baixo, sobre a rígida relva branca, estava a causa do seu actual tormento. O presente de Natal que Jonathan lhe comprara.

Era tudo graças àquela... *coisa*, que a vida dela estava prestes a mudar de forma dramática.

O cartão tinha chegado dez dias antes, entre meia dúzia de outros, quando Nancy se encontrava no andar superior da casa a limpar a casa de banho. Até o som dos cartões de Natal a cair na caixa do correio era uma emoção. Eles faziam realmente um barulho muito mais excitante do que as contas e circulares, pensara ela alegremente. Porque nunca se sabia quem nos poderia ter enviado um cartão, assim de repente e contra todas as expectativas. Talvez o príncipe William, ou o Bono dos U2, ou o Michael Douglas e a Catherine Zeta-Jones...

Bem, ela não conseguia deixar de pensar nisso e de sentir aquela ansiedade agradável no estômago, a que sempre sentia quando acordava na manhã de Natal e via a fronha da almofada cheia de presentes do Pai Natal aos pés da cama.

E, incrivelmente, desta vez, havia realmente um envelope de aspecto intrigante entre os restantes, um caro em tom creme endereçado numa caligrafia que ela não reconhecia. Incapaz de o guardar para o fim, Nancy pôs os outros de lado – o da tia Jane e do tio Denis de Brighton, dos chatos dos Mathews que viviam em frente, de Edgar, o primo presunçoso de Jonathan que vivia em Dundee – e abriu o envelope misterioso. A imagem na frente do cartão era uma vista de uma rua de Edimburgo com neve. O tipo de lojas representadas no

desenho diziam-lhe qualquer coisa. Cavendish Row, era isso. Nancy abriu o cartão e leu a inscrição impressa no interior.

Desejos de Feliz Natal e Ano Novo a um cliente estimado, de todos na Rossiter & Co., Joalheiros.

Para o personalizar, havia um floreio informe a assinar em baixo, do tipo que poderia ter sido um macaco a fazer. E lá se foi a esperança dela de poder ter recebido um cartão de alguém importante. Aquele era de alguém quase inumano.

Ainda por cima a surpresa de Jonathan tinha sido arruinada, pensara Nancy mal-humorada. Ele tinha ido, sem dúvida, à Rossiter na Cavendish Row e comprara-lhe alguma coisa para o Natal. Comprara-lhe algo caro, mais precisamente, porque não era provável que eles enviassem cartões elegantes de boas-festas, dirigidos a um Estimado Cliente, a qualquer um que tivesse passado pela loja para comprar uma pilha para o relógio. Só que não tinha ocorrido ao pessoal pouco esperto da Rossiter que os cartões enviados para a casa de um homem casado tinham grandes hipóteses de serem abertos, de modo completamente inocente, pela mulher.

E como o objectivo dos presentes de Natal era que fossem uma fabulosa surpresa, a sua manhã de Natal já estava estragada.

Bem, tinha sido isso que ela tinha pensado dez dias antes. Agarrando-se ao parapeito da janela, Nancy olhou para o presente que estava no jardim. Tendo posto discretamente o cartão no balde do lixo, ela passara eras a treinar a expressão de surpresa e alegria, que fora como ela planeara reagir quando abrisse a caixa forrada a cetim contendo a jóia que Jonathan teria acabado por escolher para ela.

Em vez disso, ele tinha-a empurrado pelo quarto fora

até à janela, instruindo-a para que fechasse os olhos, e depois abriu os cortinados com um floreado triunfante.

— Tchanan! Já podes abrir os olhos — tinha proclamado Jonathan, e Nancy tinha aberto obedientemente os olhos, confusa com o motivo que o levava a querer pôr a caixa de jóias com a prenda de Natal dela em cima do parapeito.

Só que, como era óbvio, ele não tinha posto.

— É um cortador de relva. — Ela tinha levado uns bons segundos a pronunciar as palavras.

— Daqueles que dá para nos sentarmos — informou-a Jonathan com orgulho.

— É... é...

— Espera, vais ver como não vais perceber como é que conseguiste passar sem um até hoje. — Jonathan sorria abertamente, incrivelmente satisfeito consigo próprio. — Nada de empurrar e puxar mais aquele cortador a gasolina, este não requer qualquer esforço para aparar a relva. Confia em mim — pôs os braços em volta da cintura de Nancy e beijou-lhe a parte de trás do pescoço. — Vais adorar.

Foi preciso algum tempo até ela compreender todas as implicações. Quando isso aconteceu finalmente, Nancy sentiu-se a atrasadinha da escola, a última a compreender o remate de uma piada. Se Jonathan não tinha comprado uma peça misteriosa de joalheria na Rossiter para ela, então devia tê-la comprado para outra pessoa.

Não tinha?

Ok, ok, era uma confusão, mas uma confusão não totalmente inesperada. Se ela pensasse bem, já tinha havido outros sinais de que Jonathan poderia estar a fazer alguma, mas nunca nenhum que tivesse sido suficientemente concreto para ela

agir. Nancy sabia que as raparigas que eram excessivamente possessivas e ciumentas, se o seu homem olhasse para outra rapariga, não ganhavam nada com isso. Doug, um dos antigos colegas com quem ela dividira um apartamento, tinha namorado uma assim. Convencida de que ele andava a enganá-la, Ella tinha-o interrogado incessantemente, exigindo ser mantida informada de todos os movimentos dele, chegando até a revistar o cesto de roupa suja à procura de números de telefone nas calças puídas de Doug e para examinar os colarinhos à procura de vestígios de perfume de outras mulheres. Nancy tinha-a apanhado a fazer isso uma vez, às duas da manhã. De certa forma, ela sentira pena de Ella, mas ao mesmo tempo, ela soubera desde o início que a rapariga estava a cometer um erro terrível. Toda a gente tinha rido nas costas dela e Doug tinha-se sentido constrangido porque, convenhamos, no que dizia respeito à aparência, ele não era nenhum Johnny Depp. As miúdas não se atropelavam exactamente para sair com ele. Se ele tinha demorado seis meses a ganhar coragem para convidar Ella para sair, qual era a probabilidade de ele andar simultaneamente com mais raparigas?

Eventualmente a gozação tinha acabado por atingir um ponto intolerável e a incapacidade de Ella para deixar de sentir ciúmes tinha causado estragos. Doug terminara tudo e Ella ficara inconsolável e implorara a Nancy que o convencesse a ganhar bom senso e a aceitá-la de volta. Tudo isso tinha tido um efeito profundo em Nancy, que desejara dizer-lhe eu bem te disse, eu avisei-te que ias acabar por afastá-lo. Em vez disso, ela jurara a si mesma nunca ser do tipo ciumento, nunca fazer sessões de interrogatório e nunca, *nunca*, acusar qualquer homem seu de ter feito algo que ele não tivesse feito.

A não ser, é claro, que soubesse que ele tinha realmente feito.

Nancy franziu o sobrolho. A questão era, teria ela a certeza? Poderia ainda haver uma explicação inocente para o que acontecera? Uma que simplesmente não lhe tivesse ocorrido? E se não existia nenhuma explicação inocente, com quem é que Jonathan andaria?

Seria alguém que ela conhecia? Alguém do trabalho dele? Não certamente a secretária, nem pensar. A finalidade de uma amante era arranjar-se uma mulher mais bonita, mais jovem e com maior peito que a esposa. Tania parecia uma batata numa pashmina.

Não podia ser ela, decidiu Nancy. Para ser franca, sentir-se-ia insultada se fosse.

Um carro apitou lá fora, trazendo-a de volta à realidade. Rose, a mãe, subia o caminho de gravilha no seu Mini verde.

Ok, era melhor esquecer o marido infiel e o casamento quase acabado. Era dia de Natal. O espectáculo tinha de continuar.

— Querida! — Rose abraçou a querida e única filha. — Estás linda! Feliz Natal!

— Para ti também, mamã. — Nancy abraçou também Rose, pensando o quão frágil ela parecia. A mãe ainda não atingira a casa dos setenta, mas havia sempre a preocupação de aquele ser o seu último ano. Era por isso que não lhe podia falar das infidelidades de Jonathan... Ok, alegadas infidelidades. Iria despedaçar-lhe o coração e arruinar-lhe o Natal. *Por mais que me custe, vou proteger a mamã disso*, pensou Nancy.

— Onde está o meu adorado genro? — Rose espreitou

esperançosamente por cima do ombro de Nancy. — Tenho aqui sacos de presentes que pesam uma tonelada.

— O Jonathan foi até ao pub encontrar-se com o Hamish e o Pete. Bebidas pré-almoço. — Nancy, que ficara encantada por se ver livre de Jonathan durante uma hora, disse: — Sabes como é, os homens gostam de se juntar e de comparar as camisolas de Natal, a que tiver um padrão mais horrível ganha um... bem, não que o Jonathan tenha alguma chance de vencer — acrescentou ela rapidamente —, mas algumas pessoas têm famílias com péssimo gosto. De qualquer forma, ele chega por volta das duas. Deixa-me levar os sacos para dentro. Oh, mãe, és marota, trouxeste demasiados presentes!

— Que disparate! Eu gosto muito de os comprar. — Seguindo Nancy para dentro de casa, Rose soltou um suspiro de prazer. — Que casa linda. Tens tanta sorte, querida. Já percebiste a sorte que tens?

Nancy recordou os tempos do início do casamento quando ela achara que tinha tido sorte. Ou antes de ter começado a suspeitar interiormente que Jonathan podia não ser afinal o Sr. Fiel-até-ao-Fim-dos-Tempos.

Mas era a mãe que estava a fazer a pergunta. No Natal anterior, Rose tinha comprado a Jonathan uma caneca com a inscrição: O Melhor Genro do Mundo! Mudando rapidamente de assunto, Nancy disse: — O peru está no forno. Fiz as batatas e o molho, mas o resto dos vegetais ainda estão...

— Como é que eu adivinhei que estariam? — Rose tinha estado ocupada a dispor os presentes de Natal sob a árvore. Endireitou-se e fez um largo sorriso. — Não te preocupes, querida, já estou aqui. Podemos tomar um cálice de xerez e

conversar enquanto tratamos de tudo. Podes contar-me o que se tem passado por aqui.

Nancy teve de virar costas para que Rose não visse as lágrimas nos seus olhos. As outras mulheres de vinte e oito anos também diziam às mães tudo o que se passava nas suas vidas? Talvez. Mas Rose via sempre o melhor das pessoas; era uma pessoa com uma certa inocência. Sentindo que era seu dever proteger a mãe da desilusão, Nancy nunca conseguira contar a verdade a Rose.

— Agora, as cherivias. Cenouras. Oh, Deus, espargos! Devem ter custado uma fortuna! És muito marota. — Examinando o conteúdo do cesto dos vegetais, Rose sentiu-se simultaneamente encantada e horrorizada ao pensar o quanto os molhos de espargos deviam ter custado. — Bem, vou começar pelas cenouras.

Engolindo em seco, Nancy viu a mãe descascar e cortar com destreza as cenouras. Rose McAndrew, sessenta e oito anos de idade, um metro e meio de altura e pesando menos de quarenta e cinco quilos com a roupa. Viúva há treze anos, nunca tinha olhado sequer para outro homem. Vivia sozinha em Edimburgo, num pequeno apartamento alugado, e ainda trabalhava em part-time a fazer limpezas num lar de idosos e era exímia a fazer tricô. Todos os segundos livres eram passados a produzir, a uma velocidade estonteante, brinquedos de malha que depois doava a uma loja de caridade que apoiava um hospício de crianças. Pessoalmente, Nancy achava desolador a mãe passar oito horas a tricotar, a coser e a encher um palhaço intrincadamente detalhado, completo com um tubo de pasta de dentes, escova e pijama, para este ser vendido na loja por apenas quatro libras e meia. *Quatro libras e meia*. Ela

visitara a loja e vira com os próprios olhos as etiquetas com os preços. Tanto trabalho para tão pouco retorno. Contudo, Rose tinha exclamado de alegria perante a quantidade de dinheiro que estava a fazer para as pobres crianças doentes. Simplesmente não lhe passava pela cabeça sentir-se ofendida, porque ela não era assim.

Não havia ninguém melhor.

Virando-se, Rose disse alegremente: — E o que é que o Jonathan te comprou este Natal?

Nancy engoliu em seco. — Um cortador de relva. Daqueles em que nos podemos sentar. Está no jardim.

— Um cortador de relva daqueles em que nos podemos sentar? Oh, meu Deus, que maravilha! Eu acho que vais passear-te em cima dele como a Rainha, querida. Que divertido!

Forçando um sorriso, porque não tinha a certeza da frequência com que a Rainha se passeava num cortador de relva, Nancy disse: — Eu sei.

— O Jonathan é tão original. Sabe sempre exactamente o que comprar.

Outras pessoas podiam ter mães a quem podiam confidenciar os mais ínfimos pormenores das suas vidas, mas Rose não era esse tipo de mãe. Ela precisava de ser acarinhada e protegida dos detalhes que só a perturbariam.

Nancy sabia que não lhe podia contar a verdade.

Capítulo 2

Er am seis da tarde quando Carmen Todd voltou à casa vazia. Tinha estado, como voluntária, a ajudar no abrigo para os sem-abrigo desde a dez horas, a servir pratos de jantar de Natal e a servir canecas de chá de castanha-da-índia bem quente. Ninguém no abrigo sabia quem ela era, o que para Carmen era bom. Assim que chegou ao quarto, despiu a sweatshirt azul desbotada e as calças de ganga usadas e atirou-as para dentro do cesto da roupa. Tinham sido vestidas de lavado naquela manhã, mas não era muito agradável ficar vestida com a roupa com que visitara o abrigo.

Na casa de banho, Carmen ligou o chuveiro e examinou o rosto no espelho por cima do lavatório enquanto esperava que a água aquecesse. O cabelo negro curto estava desgrenhado e espetado, como se ela tivesse passado eras a moldá-lo com gel e mousse – só que não passara. Os olhos castanho-escuros contrastavam com a pele clara e as sobrancelhas enviesadas pareciam mais os certos feitos por um professor com uma grossa caneta de feltro com pressa para acabar a correcção do teste. Ela sabia que podia ter um aspecto melhor do que aquele, mas ninguém no abrigo dava muita importância a maquilhagem. Desde

que ela lhes desse alguns cigarros, era só isso que lhes importava.

Bem, talvez o Natal seguinte fosse melhor para eles e para ela.

A campainha da porta tocou no preciso momento em que ela ia entrar para o duche. Hesitando, Carmen interrogou-se quem poderia ser às seis da tarde do dia de Natal. Decerto não seriam cânticos de Natal. E ela não estava à espera de visitas.

Mas não atender a porta – ou, pelo menos, falar através do porteiro automático – estava para além das suas capacidades. Embrulhando-se rapidamente numa toalha amarela – não que alguém pudesse vê-la, mas os velhos hábitos eram difíceis de largar –, Carmen atravessou o hall em pontas de pés e premiu o botão do altifalante.

— Sim?

— Carmen Todd, é a polícia. Abra a porta, por favor. Temos um mandado para revistar o edifício.

Ansiosa e incrédula, Carmen disse cautelosamente: — Rennie, és tu?

— Claro que sou eu! Abre já a porta, mulher, antes que os meus pés gelem e se colem ao chão. E é melhor vestires alguma coisa antes de eu chegar aí.

Assustada, Carmen afastou-se do aparelho. — Como é que sabes que não estou vestida?

— Sou homem. É minha função saber estas coisas. Ficas a saber que o Super-Homem não é o único que tem visão de raios-X. — Rennie pigarreou com uma impaciência característica. — A propósito, eu não estava a brincar quanto ao frio que está aqui fora!

— Oh, desculpa! — Carmen abriu rapidamente a porta, antes de correr para a casa de banho para trocar a toalha de banho por um robe de veludo azul-papagaio. Quando terminou de apertar o cinto – atado com um nó duplo para o caso de Rennie se entusiasmar muito –, ele já tinha chegado à porta dela.

— És mesmo tu! Não posso crer que estejas aqui. — Entusiasmada por vê-lo, atirou-se nos braços dele. — Pensei que estivesse no Alabama, no Mississipi ou algures...

— Algures com montes de vogais — disse Rennie, abraçando-a com força. — Eu sei. E estivemos. Bem, no Illinois, que é quase a mesma coisa. Eles tiveram de cancelar o resto da tournée. O Dave anda outra vez metido na bebida e o Andy anda a snifar coca como um doido. Nenhum dos dois foi capaz de fazer o trabalho em palco, e vendo que havia uma clínica de desintoxicação por perto, o Ed mandou-os para lá. E assim eu voltei ontem à noite. Pensei em vir aqui ver como estavas. Agora afasta-te e deixa-me olhar bem para ti.

Idem. Sorrindo, Carmen assimilou o cabelo escuro por altura dos ombros, o bronzeado carregado, um sorriso matreiro e aqueles cintilantes olhos verde-escuros que pareciam estar sempre delineados com eyeliner – só que não estavam, eram apenas as pestanas incrivelmente espessas de Rennie. Ele tinha vestido um blusão de cabedal, umas calças de ganga cremes, um pólo castanho-claro e um cinto medonho com fivela de latão que só um cowboy usaria. Mas estava com bom aspecto e em forma, como sempre. Desde que Carmen o conhecia que ele sempre exsudara um ar saudável. O branco dos olhos eram de um límpido azul-claro, a língua de um rosa-framboesa, o abdómen liso como uma tábua. O cinto

de cowboy piorava bastante o aspecto geral, mas Rennie não se ralava com isso. Quando gostava de alguma coisa, usava-a e ponto final.

— Espantosa como sempre — pronunciou ele, finalmente, com as mãos morenas nos ombros de Carmen. — De qualquer forma, pensava que esta era uma rua respeitável.

— É um roupão! Está completamente fechado — protestou Carmen.

— Não estou a falar de ti, estou a falar da rua. Pensava que aqui era tudo muito elegante.

Em parte por causa dos compromissos fora e em parte pelo facto de ele ter passado a maior parte dos últimos três anos fora do país, Carmen perdoava-o. Só por isso.

— Na verdade, é extremamente elegante.

— Desculpa, mas descambou muito desde que eu estive aqui a última vez. Há muito mais tansos afectados do que nos bons velhos tempos. Quase chamam a polícia só de olhar para nós. Atender a porta a um estranho? Credo, deves estar a brincar!

Pacientemente, Carmen disse: — Queres chegar a algum lado ou isso é apenas um discurso retórico extemporâneo?

— Querida, claro que quero chegar a algum lado. — Dirigindo-se à cozinha, Rennie abriu o frigorífico e pegou numa garrafa de *Veuve Cliquot*. — Posso abrir isto?

Ela hesitou. A garrafa já ali estava há mais de dois anos. Ela comprara-a no primeiro aniversário da morte de Spike, junto com diversas caixas de paracetamol e *Nurofen*. O plano tinha sido passar a noite sozinha em casa, só para variar, e reflectir até à meia-noite. Se, quando chegasse a meia-noite, ela

tivesse decidido que não valia a pena continuar, beberia a garrafa de champanhe e depois tomaria os analgésicos.

Às onze horas, com a garrafa a refrescar no frigorífico, ela abriu um bloco de notas e começou a compor um bilhete suicida.

À meia-noite o cesto dos papéis estava apinhado de folhas de papel amarrotadas. Angustiada, Carmen tinha descoberto que os bilhetes suicidas não eram tão fáceis de escrever como ela imaginara irreflectidamente. Tudo o que escrevia soava ridículo sempre que ela lia em voz alta, como uma daquelas peças muito más nos programas de Morecambe e Wise que Spike tanto gostara de ver na TV por cabo. Cada vez mais insegura e frustrada, Carmen apercebera-se o quão envergonhada ficaria por deixar ficar o tipo de bilhete suicida do qual as pessoas poderiam fazer troça.

Furiosa consigo mesma, acabara afinal por voltar a guardar a garrafa intacta no frigorífico e por beber uma chávena de chá. Como deitar os analgésicos pela sanita não teria sido mais do que um desperdício de analgésicos, ela enfiara-os no armário da casa de banho para os utilizar nas doses recomendadas quando lhe aparecesse o período seguinte.

No poupar é que está o ganho.

Bem, se ela ia continuar a viver, ia precisar deles.

Contudo, deixara o champanhe no frigorífico como um útil lembrete.

Que se lixasse. Carmen apontou para a garrafa. — Boa ideia. Abre-a que eu vou buscar os copos.

— E onde eu queria chegar é que já aqui estive há duas horas e tu não estavas — disse Rennie.

— Estava no abrigo.

— Isso explica o fedor. — Rennie nunca fora pessoa de guardar para si os pensamentos. Ao ver a expressão no rosto de Carmen, sorriu e disse: — Ok, ok. É muito nobre da tua parte dares a tua contribuição, mas estou a dizer-te que cheiras mal.

O problema é que ela sabia que ele tinha razão. Exasperada, Carmen dirigiu-se à casa de banho. — Abre a garrafa. Estou de volta em cinco minutos.

Esperançoso, Rennie disse: — Queres ajuda?

— És hilariante. Vai sentar-te na sala. E não me comas as trufas todas.

Enquanto punha champô no cabelo e ensaboava o corpo no duche quente, Carmen pensava maravilhada na atitude de Rennie perante a vida. Ele tinha mais energia do que qualquer outra pessoa que ela conhecesse, trabalhava muito e divertia-se ainda mais, estava sempre a brincar, era incapaz de não seduzir praticamente todas as raparigas que se atravessassem no seu caminho. E, tratando-se de Rennie, havia muitas a atravessar o caminho dele.

Rennie Todd, seu cunhado. O irmão mais novo de Spike. À excepção dos sorrisos, não havia irmãos mais diferentes. Fechando os olhos enquanto rios de champô lhe escorriam pelo rosto, Carmen imaginou Spike, o seu adorado marido, com os seus olhos cinzentos cintilantes, cabelo louro-escuro e tendência para o rechonchudo. Enquanto Rennie era todo energia, Spike sempre fora o membro da banda mais calmo e sossegado, fisicamente preguiçoso. Pensava mais profundamente nas coisas, escrevera músicas com letras de significado profundo. Carmen tinha quase a certeza absoluta de que Rennie nunca tinha tido um pensamento profundo na vida.

E ainda estava vivo, o que era outra diferença significativa entre os dois. Rennie estava estonteantemente vivo e Spike estava morto.

Capítulo 3

Quando saiu do duche, Carmen secou apressadamente o cabelo com uma toalha e embrulhou-se novamente no robe. Com um pouco de sorte estaria agora a cheirar a *Jo Malone* em vez de Água de Abrigo.

Na sala de estar, e previsivelmente, Rennie pusera-se totalmente à vontade. Esparramado no sofá azul, estava atarefado a acabar com um tubo de *Pringles*, a fazer zapping na TV e, simultaneamente, a conversar ao telemóvel. Sorrindo para Carmen, disse para o telefone: — Desculpa, querida, tenho de desligar. As enfermeiras estão a trazer a minha avó... olá, avozinha, estás com boa cara... Ok, eu ligo-te. Adeus.

— Muito obrigadinha. — Aproximando-se, Carmen arrancou-lhe o controlo remoto, porque Rennie não parava de fazer zapping e isso dava com ela em doida.

— Desculpa. — Ele sorriu para ela, impávido. — Ela chama-se Nicole, mas a malta chama-lhe Película Aderente. Ela estava desesperada por passar o Natal comigo. Tive de inventar uma desculpa de jeito.

Não era apenas aos programas de televisão que Rennie dedicava uma atenção mínima.

— Não podias ter-lhe dito simplesmente que ias visitar a tua antiga cunhada? Não teria sido suficientemente entediante?

— Estás a gozar! A Nicole era uma grande admiradora do Spike. Ela teria querido vir comigo para te conhecer — disse Rennie. — Foi por isso que inventei uma avozinha numa casa de saúde em Stockton-on-Tees. Assim é melhor. — Ele cheirou-a aprovativamente quando Carmen lhe empurrou os pés e se sentou. — É o mesmo perfume que o Spike costumava comprar-te.

— É o meu favorito — disse Carmen. — Ao contrário de algumas pessoas, não me farto de uma coisa ao fim de três dias e corro a experimentar algo novo.

— *Touché*. E se eu quisesse um sermão, podia ter ficado no Illinois a ouvir o meu agente. De qualquer modo, é Natal e não devemos discutir. Adivinha o que fiz esta tarde quando cheguei e descobri que tinhas saído?

Aquela era uma daquelas perguntas completamente irrespondíveis, por isso Carmen nem sequer tentou responder. Com um lento encolhimento de ombros, disse: — Sei lá.

— Sentei-me à tua porta. — Rennie levantou as sobran-celhas, fingindo indignação. — Agora, não esquecendo que isto é a Fitzallen Square, na zona mais *chique* de Chelsea, estou certo de que concordarás que é uma coisa chocante de se fazer. Eu esperava sinceramente ser chamado à atenção por brigadeiros reformados e expulso da praça por soldados das forças especiais descendo de helicópteros. Meu Deus, nunca percebi porque é que o Spike quis vir morar num lugar destes!

Mas ele quisera. Tinha sido precisamente aquele ar de distinção afectada que tinha atraído Spike, a ideia de chocar os moradores e de os pôr em estado de pânico com a perspectiva de partilharem a sua praça jorgiana com o membro de uma banda de rock pesado como os Red Lizard. A casa soalheira de

quatro andares e imaculadamente renovada era o último lugar que alguém pensaria que eles escolheriam para viver.

O sítio apelara ao sentido de humor de Spike. Ele comprara a casa de cinco milhões de libras por piada. Mas em poucos meses ele e Carmen já se tinham apaixonado por ela.

— Então as forças especiais apareceram — disse Carmen.

— Não, não apareceram. Aí é que está. Um vizinho teu veio à porta e perguntou-me se podia ajudar.

— A julgar que te estavas a preparar para me assaltar a casa.

— Exactamente. Eu disse-lhe que tu tinhas saído e que ia esperar à porta até tu voltares. Então ele disse que eu não podia de forma alguma ficar ali fora e convidou-me para entrar e tomar um copo. Bem, nessa altura, como é *óbvio*, pensei que estava a ter algum tipo de alucinação — disse Rennie. — O que é que passava pela cabeça desta gente afectada? Não percebiam que assim pareciam pessoas pobres, normais? Que se estavam a comportar como se vivessem numa... numa... propriedade de habitação social!

— Ok, acalma-te. Nesse caso arrisco dizer que não foram os Brough-Badham do número sessenta e dois.

Quatro anos antes, o brigadeiro Brough-Badham e a mulher, a ilustre Marjorie, tinham ficado tão horrorizados ao tomar conhecimento de quem seriam os seus vizinhos, que tinham dado início a uma petição. Nenhum dos dois tinha alguma vez dirigido a palavra aos residentes profundamente indesejáveis; o brigadeiro eriçava o bigode e a ilustre Marjorie olhava para o seu nariz de papa-formigas sempre que passavam por Carmen na praça.

De facto, fora a ideia de que os Brough-Badham pensassem que tinham vencido que impedira Carmen de se mudar depois da morte de Spike.

— Foi o teu outro vizinho, deste lado. — Rennie espetou o polegar para a direita. — O número cinquenta e oito.

— Nome engraçado para um vizinho.

— Tens andado a ler outra vez piadas de Natal? — Espetando os dedos nas costelas dela, Rennie disse: — Não posso acreditar que nunca tenhas falado com ele. Um tipo porreiro. Quando me convidou a entrar, pensei que deviam conhecer-se, mas ele disse-me que não. Ele acha que tens andado a esconder-te dele.

— Não tenho nada! — protestou Carmen de forma um pouco veemente de mais. — Ele só se mudou há três meses, depois saiu novamente e depois eu estive fora quinze dias quando fui com a mamã ao Chipre. Sabes como são as coisas por aqui — continuou ela. — As pessoas são ocupadas, saem para trabalhar. Os nossos caminhos ainda não se cruzaram, só isso. Não tenho andado a esconder-me.

Era a verdade. Mais ou menos. Bem, não contando com as poucas vezes em que vira o vizinho a sair do carro e se tinha afastado da janela antes que ele a pudesse ver e acenasse.

— Ele chama-se Connor O'Shea — disse Rennie.

— Ai sim?

— Mas eu pensei que já soubesses isso, depois de ele ter enfiado debaixo da tua porta um bilhete a convidar-te para a festa de inauguração da casa.

Bolas! O sangue afluíu às faces pálidas de Carmen.

— Por isso, parece-me que sempre tens andado a esconder-te dele.

— Não comeces a chatear — disse ela com algum embaraço.

— Então — contestou Rennie. — Alguém tem de o fazer. Querida, já passaram três anos. A velha Carmen teria pulado de entusiasmo com a perspectiva de uma festa.

— Mas eu não sou a velha Carmen, pois não? Agora sou a nova Carmen. E não é tão fácil como estás a querer que pareça. — Ela fez uma pausa e observou-o a retirar habilmente a rolha da garrafa de *Veuve Cliquot*: com um chio discreto, tal e qual como um empregado de mesa. Nos velhos tempos eles haviam aberto garrafas de champanhe como pilotos de corridas; era de admirar que sobrasse algum para beber.

— Um vizinho simpático convida-te para uma festa de inauguração da casa. Não vejo qual é o problema.

— Bem, também não pensaria que visses. Porque tu és tu. — Carmen bebeu um pouco do champanhe que tinha guardado para a tentativa de suicídio. Na verdade até era bastante bom. — Mas eu era casada com o Spike e agora já não sou. Ele foi-se e fui eu que fiquei. A que não interessa a ninguém.

— Ora, isso é...

— Não grites comigo. Não estou à pesca de elogios nem de votos de simpatia. Só que sempre que conheço pessoas novas e elas descobrem quem eu sou, só querem é falar do Spike e de como foi estar casada com ele. Acham que eu sou uma sortuda porque ele me deixou tudo no testamento, o que é bastante estranho porque não me sinto sortuda. Foi por isso que eu não fui à festa. E eu sei que devia ao menos ter respondido ao convite, mas não respondi e ponto final. Às vezes tenho a delicadeza de um porco.

— Ok, já percebi — disse Rennie. — É por isso que passas o tempo naquele maldito abrigo. Ninguém sabe quem tu és, pois não? Ninguém de lá faz a mínima ideia que vives num lugar destes e que foste casada com o Spike Todd. Acham que és apenas uma rapariga normal de calças de ganga e sweatshirt que vai de metro até lá.

— E então? Isso é assim tão estranho? Eles tratam-me como tratam as outras pessoas — disse Carmen. — É bom.

— Queres dizer que eles têm tanto gosto em mijar nos teus sapatos como nos de qualquer outra pessoa? Compreendo como isso deve ser agradável. Se eu fosse contigo, eles também mijavam nos meus?

— E o que é que ele faz? O meu vizinho. — Carmen foi rápida a mudar de assunto.

— Vês? Não és diferente dos outros. Connor O'Shea, um irlandês simpático na casa dos trinta... como é que ele terá conseguido dinheiro suficiente para viver ao teu lado?

Carmen deu-lhe um safanão. — Não é isso que estou a perguntar.

— Claro que é. Admite, estás mortinha por saber. É a natureza humana — disse Rennie. — Ele acabou de comprar uma casa na Fitzallen Square. Tem um Bentley. Tem um apartamento em Nova Iorque e uma vivenda no Sul de França. Por isso, o que é que achas? Poderá ele trabalhar no departamento de pintura do B&Q? Ao balcão dos correios na Finchley High Street? Talvez seja vigilante numa escola. Ou talvez seja um funcionário público e passe a maior parte do dia a enfiar clips...

— Basta. Não quero saber — disse Carmen. — Não me digas.

— Tudo bem — disse Rennie de forma inocente. — Podia ser um assaltante de bancos, se pensarmos bem. Ou alguém do East End com negócios ilícitos. Ele pareceu-te manhoso quando o estavas a espreitar secretamente da janela do teu quarto?

Droga! Seria aquele mais um dos palpites inspirados de Rennie ou tê-la-ia visto o maldito vizinho e contado?

— East End? Pensei que tinhas dito que ele era irlandês.

— Caramba! Claro que ele *disse* que era irlandês. — Rennie adoptou o mais horrível sotaque de Dublin. — Mas isso podia ser apenas um disfarce, não podia? Uma fachada para desviar as pessoas da verdade. Muito como tu, lá naquele teu abrigo.

— Não tens de ficar aqui, sabes? Podes sempre voltar para o teu irlandês chefe de quadrilha londrino e passar lá o resto da noite.

— Ele já nos convidou. Tem a casa cheia de amigos e de família. Somos bem-vindos a aparecer em qualquer altura — disse Rennie. — E amanhã eles partem de viagem para passar umas semanas em Barbados.

— Com as notas falsas e as espingardas.

— Se formos mesmo lá, tens de tomar conta de mim. Independentemente do que faças, não me deixes curtir com a namorada dele. Ela é uma serigaita. — Rennie estremeceu. — Não quero acabar no Tamisa com mais um par de botas pesadas. Não é bem a minha ideia de presente de Natal.

Enquanto bebia mais um pouco de champanhe, Carmen indagou-se se aquela seria uma boa altura para conhecer o vizinho misterioso. Provavelmente, com Rennie ali, era a oportunidade ideal. Ela sabia que devia estar a esforçar-se

mais. Como ele já frisara, ela não costumava esconder-se das pessoas e de festas.

Mas, de certa forma, a atmosfera reservada – Ok, completamente fria – da Fitzallen Square adequava-se à forma como ela andava a sentir-se. Ela já estava habituada. Quando se começava a sorrir e a dizer olá aos vizinhos, corria-se o risco de se começar a conversar com eles. Depois eles começavam a convidar para entediadas reuniões de moradores ou para festas horróricas. E a partir daí havia muitas probabilidades de se acabar envolvido com o tipo de pessoas que não se queria, que falavam mal pelas costas.

— Esta noite, não — disse Carmen. — Talvez quando regressarem de viagem. Prefiro ficar aqui. A que horas tens de te ir embora?

— Encantador! Já a tentar veres-te livre de mim?

— Não! — Ela bateu-lhe na cabeça com a embalagem de *Pringles* vazia. — Estou só a fazer uma pergunta perfeitamente normal. Apareces assim do nada, comes as minhas *Pringles*... se estavas à espera de um jantar de Natal, estás com pouca sorte, porque eu não comprei nada...

— Eh! Acalma-te! Não vim aqui à procura de uma refeição. Vim ver-te. E também às tuas *Pringles*, é claro.

— Há mais um pacote na cozinha. — Carmen estava contente em vê-lo, contente por ele estar ali. Bem lá no fundo, recebera passar a noite de Natal sozinha. Ela oferecera-se para ficar no abrigo, mas lá tinham-lhe dito, simpática e firmemente, que oito horas eram suficientes.

Capítulo 4

Passaram as horas seguintes a pôr a conversa em dia, a beber, a comer e ocasionalmente a fazer zapping por alguns canais televisivos. Uma re-exibição comemorativa do *Atracção Fatal* levou Carmen a contar a Rennie a história de Nancy e do cartão de Natal dos joalheiros.

Previsivelmente, Rennie abanou a cabeça com alguma reprovação. — Que amador! A regra número um quando se compra uma coisa dessas é pagar sempre em dinheiro. E dar sempre, *sempre*, uma morada falsa.

— Não tem piada. Tu és solteiro, mas ele é casado. A Nancy é a minha melhor amiga e aquele canalha anda a enganá-la, eu sei que anda.

Olhando em volta, para a ausência total de enfeites de Natal, Rennie disse: — Se ela é a tua melhor amiga e tu ias ficar aqui sozinha, porque é que não te convidou para passares o Natal com ela?

— Ela convidou. Eu recusei; disse que não podia faltar ao abrigo.

— E a verdadeira razão é...?

— Sabes como eu sou. Posso ficar um bocado melancólica nesta altura do ano. Não queria impor o meu estado de espírito às outras pessoas e fazê-las sentirem-se culpadas por

se divertirem. — Carmen ajeitou-se para uma posição mais confortável no sofá. — Ainda por cima eu nunca gostei do Jonathan. A ideia de ter de fingir que sim dissuadiu-me por completo.

— Vês? Aí está a diferença entre nós. Eu nunca finjo gostar de pessoas de que não gosto. É um completo desperdício de tempo. Porque é que as pessoas não podem dizer simplesmente o que pensam?

— Porque rebentaria uma guerra mundial e acabaríamos todos mortos. — Pacientemente, Carmen disse: — E como é que isso ajudaria?

— Mas e se a tua amiga Nancy tiver percebido mal? Quero dizer, eu nunca conheci o marido dela, e ele parece ser mesmo um idiota, mas ela não tem a certeza de ele andar a traí-la, tem? Ok, acabou de me surgir uma ideia. — Rennie passou impacientemente os dedos pelo cabelo revoltado. — Ele podia ter saído há umas semanas e comprado um colar de esmeraldas para lhe dar no Natal. Alguns dias depois, a Nancy comenta por acaso que não gosta nada de colares de esmeraldas. O que é que ele faz? Devolve-o à loja. Compra-lhe outra coisa, como um cortador de relva. Mas entretanto os detalhes dele já estão no computador e ele faz parte da lista dos cartões de Natal da loja.

— O Jonathan nunca faria uma coisa dessas. — A voz de Carmen pingava desprezo.

Rennie encolheu os ombros. — Talvez não, mas é verosímil. Essa seria a *minha* desculpa.

O telefone começou a tocar. Engolindo apressadamente um bombom vienense, Carmen atendeu antes que Rennie pudesse atender primeiro e dizer algo horrivelmente embaraçoso.

— Olá, sou eu. — A voz de Nancy era baixa e tensa.

— E? — O coração de Carmen disparou.

— A mamã acabou de se deitar. Não quero que ela me oiça. Deus, que dia! Este fingimento todo de que está tudo bem é cansativo!

Carmen, que sabia tudo sobre colocar uma expressão corajosa e fingir que estava tudo bem, disse: — Onde está o Jonathan?

— Saiu.

— O quê?! É noite de Natal!

— Eu sei. Ele regressou do pub às duas e passámos uma tarde agradável. Bem, agradável para a minha mãe — corrigiu Nancy. — Quero dizer, correu tudo normalmente, tanto quanto ela pôde perceber. Então às oito horas o Jonathan recebeu uma chamada no telemóvel. Ele disse que era o amigo Hamish que estava com problemas com o computador novo. Por isso lá foi ele ajudar, mas isso foi há três horas e agora o telemóvel está desligado e eu estou com um pouco de receio de o receber com um murro quando ele chegar a casa.

— Ok, calma... — disse calmamente Carmen quando Nancy começou a erguer a voz. — Quanto tempo é que a tua mãe vai ficar aí?

— Até amanhã à noite. Essa é outra! — explodiu Nancy. — Esta tarde o Jonathan disse-me que fomos convidados para uma festa que vai haver no dia 26 no pub. Bem, eu disse que não porque sabia que a mamã não gostaria muito. Os pubs não são nada o estilo dela e ela não ia conhecer lá ninguém. Então o Jonathan disse que estava bem, que eu e a mamã podíamos ficar em casa se quiséssemos, mas ele não via razão para perder uma festa de arromba. Oh, Deus! — Nancy respirou fundo,

tentando acalmar-se. — É horrível. O que é que a mamã vai pensar se ele desaparecer outra vez?

— Conta-lhe — disse Carmen.

— Não posso. Não posso. Ela ia ficar tão perturbada...

— Nancy parecia prestes a chorar.

— Ela é tua mãe.

— Exactamente!

— Leva-a para casa à hora do almoço e vai depois para a festa.

— Como é que eu posso fazer isso? — Nancy soltou um gemido. — Ela está tão entusiasmada por ficar connosco até amanhã à noite!

— Ok, então têm de ir os três à festa. — Carmen era rápida a tomar decisões.

— Eu sei. Mas não paro de pensar numa coisa terrível — disse Nancy. — E se a namorada do Jonathan estiver lá? Pode ser esse o motivo pelo qual ele está tão decidido a ir.

— Bem...

— Espera, estou a ouvir um carro! — Ouviu-se o som de uma cortina a ser aberta e depois Nancy sussurrou: — É o Jonathan. Já chegou. Tenho de ir.

— Ok, boa sorte... — mas Nancy já tinha desligado. — Ela está completamente sozinha — disse Carmen na defensiva, porque os seus olhos estavam a começar a brilhar e Rennie estava prestes a gozar com ela por ser tão mariquinhas.

— Ela não está sozinha, tem a mãe e o marido. Aposto como ela preferia estar sozinha.

— És muito sensível — disse Carmen.

— Não sou assim tão mau. — Sorrindo para ela, Rennie disse: — Bem lá no fundo, tenho sentimentos.

Quando ele pegou no telemóvel, Carmen olhou desconfiada. — A quem vais telefonar agora?

— Vou chamar um táxi.

— Onde é que vais? — O estômago dela contraiu; ela tinha estado perfeitamente bem sozinha. Mas agora que Rennie estava ali, ela não queria que ele se fosse embora.

— Para o Savoy.

— Podes ficar cá se quiseres. — Carmen rezou para não parecer tão carente como achava que estava a parecer.

— Eu sei. — Rennie piscou-lhe o olho para mostrar que estava a brincar com ela. — Eu vou ficar cá. Mas já dei entrada no Savoy. Tenho de ir lá buscar as minhas coisas.

— Toma, uma chávena de chá. Feliz 26 de Dezembro.

Hum? Carmen ouviu ao longe o barulho de louça e o cheiro a pasta de dentes e a sabonete. Incrédula, abriu os olhos e viu que Rennie lhe levava uma chávena de chá. Não apenas isso, como ainda era noite cerrada lá fora. Ele até estava a usar aftershave.

— Oh, meu Deus! — guinchou Carmen quando olhou para o despertador. — São quatro da manhã!

— Eu sei. A culpa é do *jet lag*. Agora bebe o chá — ordenou Rennie — e enfia umas coisas numa mala. O carro chega daqui a meia hora.

Estaria ele a alucinar? Estaria sonâmbulo? Incrivelmente bêbedo?

— O que é que se passa? — Carmen olhou desconfiadamente para ele.

— Não te trouxe prenda de Natal. Por isso a prenda é esta. Vamos fazer uma pequena viagem.

O problema com Rennie é que ele não tinha qualquer noção das palavras «pequena viagem». Na noite anterior ele tinha estado a falar na Austrália e ela comentara que era um sítio que sempre quisera visitar.

Cautelosamente, Carmen disse: — Como é que vamos?

— De avião. Não te preocupes, já reservei as passagens.

Oh, Deus! Era a Austrália!

— Não sei onde está o meu passaporte. — Ela esfregou os olhos.

— Então, onde está o teu sentido de aventura?

— Foi dar uma volta. — Então Carmen viu que ele estava a rir-se dela.

— Não confias mesmo em mim, pois não? Eu não estava propriamente a pensar levar-te assim de repente para a Austrália.

— Então para onde?

— Pensei experimentarmos antes Edimburgo. Ver como são por lá as festas do dia 26. — Rennie remexeu no cabelo dela. — Dar um pouco de apoio moral à tua amiga Nancy.

Capítulo 5

Nancy quase desmaiou quando atendeu a porta às dez e meia do dia 26 de Dezembro e deu de caras com Rennie Todd.

— Rennie? Credo, o que é que estás a fazer aqui?!

A última vez que ela o vira tinha sido no funeral de Spike. E, antes disso, no casamento de Spike e Carmen. Ele era o cunhado da melhor amiga dela e ela sempre ficara algo embaraçada na presença dele.

E ali estava ele, parecendo mais do que nunca uma estrela de rock no ambiente fora de contexto que era o degrau da porta de casa dela. O cabelo comprido de Rennie brilhava, o brinco de diamantes cintilava ao sol e ele estava ridiculamente bronzeado.

— Vim ver a Carmen — disse Rennie.

— O quê? Mas ela não está aqui!

Ele franziu o sobrolho. — Está, sim.

— A sério que não está. — Quando Nancy abanava a cabeça, Jonathan aproximou-se por trás dela para averiguar o que se estava a passar.

— Quem é?

— O cunhado da Carmen. — Com vergonha de dizer o nome dele, Nancy apontou desajeitadamente para Rennie. —

Ele está à procura da Carmen. Eu estava a explicar-lhe que ela não está cá.

— Olha, desculpa, mas está — insistiu Rennie, estendendo o braço e puxando Carmen para a porta.

— Ah!! — guinchou Nancy, abraçando-se a ela. — Mas eu falei contigo ainda esta noite!

— Foi ideia do Rennie. Apanhámos o voo das oito horas.

— Mas disseste-me que não podias vir porque tinhas de trabalhar!

— Eu fi-la ganhar bom senso. Eles já tinham muitos voluntários para hoje. — Rennie sorriu. — A Carmen não é assim tão indispensável como pensa. Olá, eu sou o Rennie. — Rennie acenou com a cabeça em direcção a Jonathan, que ainda estava parado atrás de Nancy. — Já ouvi falar muito de ti.

Oh, Deus!, pensou Nancy. *Por favor, não.*

— Na verdade, já nos conhecemos. — Passando por Nancy, Jonathan apertou-lhe a mão. — Eu fui ao casamento. — Quando Rennie olhou perplexo para ele, ele acrescentou: — O casamento da Carmen... quando ela casou com o teu irmão.

— Ah, claro. Desculpa. Não me recordo de ti. Não interessa, agora estamos aqui. — Rennie fez o seu sorriso deslumbrante. — Foi uma longa viagem desde Londres. Podes convidar-nos a entrar, se quiseres.

— Não consigo acreditar — sussurrou Nancy quando Jonathan já se tinha afastado com Rennie. — Estás mesmo aqui!

Não sabes como isso me faz sentir melhor! — Baixando ainda mais a voz, acrescentou: — O Rennie sabe?

Acenando afirmativamente com a cabeça, Carmen disse: — Ele é fixe, não vai dizer nada. Estamos do teu lado.

— Deus! Isto faz toda a diferença do mundo. Vem dizer olá à mamã. — Nancy arrastou alegremente Carmen até à cozinha onde Rose a recebeu encantada.

— Que surpresa! Oh, meu Deus! É Natal e eu nem sequer tenho um presente para ti. — Rose adorava comprar presentes para todos; ser apanhada assim de surpresa incomodava-a nitidamente.

— A Rose não sabia que nós vínhamos. — Carmen, que sempre gostara da pequenina mãe de Nancy, sorriu e disse: — Eu também não sabia que vínhamos. Também não comprei nada para si.

Mas Rose já estava a tirar uma pulseira esmaltada do pulso. — Toma, querida, ficas com isto. Bonita, não é? Mas vai ficar muito melhor em ti do que em mim... toma, é para ti.

— Rose, não posso...

— É só uma lembrança pequenina. Vá, não me ofendas — disse ansiosamente Rose, enfiando a pulseira no braço esquerdo de Carmen. — Não firas os meus sentimentos tentando devolvê-la.

Não havia mesmo como responder àquilo. Rose até oferecia a camisola se alguém quisesse limpar os óculos. Independentemente do que ela oferecesse, era sabido que ficava magoada se a pessoa recusasse. Obrigada a ceder graciosamente, Carmen disse: — É linda. Muito obrigada — e beijou a face macia e empoeirada de Rose. O pó cheirava e sabia como o

pó-de-arroz antigo, o que, como Rose só o usava em ocasiões especiais, era sem dúvida alguma.

— É um prazer ver-te de novo. — Depois de dar umas palmadinhas no rosto de Carmen, Rose virou-se e disse: — E tu és o Rennie. Acho que não nos conhecemos.

Rennie sorriu e avançou para lhe dar dois beijinhos. — Se nos conhecêssemos, eu lembrava-me com certeza. Mmm... a senhora cheira lindamente, como uma deusa de Hollywood. É como beijar a Greta Garbo.

Ele sempre soubera como seduzir o sexo oposto.

— Ah, estás a gozar comigo! — Enrubescendo de prazer, Rose bateu divertida na mão dele. — A Greta Garbo está morta.

— É como beijar a Greta Garbo no auge da sua beleza. — Rennie não se deixou desencorajar. — Quando ela fez o *Rainha Cristina*. É um dos meus filmes favoritos de todos os tempos.

— A sério? — O olhar de Rose iluminou-se. — A Greta Garbo é a minha actriz favorita! Eu vi o *Rainha Cristina* na televisão há algumas semanas. Passaram-no numa tarde de domingo...

— Eu tenho esse filme em vídeo — disse Rennie. — E também o *Ninotchka*.

— Oh! Eu adoro o *Ninotchka*!

— E o *Camille* — Rennie fez uma careta. — Mas não gosto tanto desse como dos outros.

— Bem, quem havia de pensar? Mais um fã da Garbo! E com um cabelo desses — disse Rose, admirada. — Quero dizer, eu sei que é daquelas coisas da música, mas tem mesmo de ser assim tão comprido?

— *Rose* — disse Jonathan. — Ele é nosso convidado.

— Também é a *Rose* — disse Rennie prontamente. — O que significa que podemos ambos dizer aquilo que quisermos. Bem, nós viemos sem avisar, por isso deixam-me levar-vos todos a almoçar para compensar esse facto?

— Nós temos comida para vocês! — *Rose* parecia profundamente ofendida; na bancada atrás dela estavam tigelas de cenouras, batatas e cebolas cortadas. — Há mais do que o suficiente para toda a gente.

— Há o suficiente para toda a gente em *Kilnachranan* — resmungou Jonathan por entre dentes.

— Mas não gostariam mais de ir almoçar fora? Que tal o *Hotel Kincaid* em Edimburgo? — disse Rennie. — Dizem que é fantástico. Podíamos aproveitar e passar lá a tarde.

Jonathan disse: — Um pouco em cima da hora. Não me parece que conseguisses mesa.

— Oh, para mim arranjam. A *Susy Kincaid* é uma velha amiga.

Encostada à bancada, *Carmen* interrogou-se como seria ser Rennie e ser-se sempre capaz de fazer aquilo que se quisesse. A bem da verdade, ele já era assim antes de a banda ter ficado famosa.

— Então parece-me bem. — Clareando a voz, Jonathan disse: — O que se passa é que eu fui convidado para uma festa esta tarde. Parece-me um pouco rude desiludir os amigos por ter tido uma oferta melhor. Talvez eu não devesse ir ao almoço.

Ele parecia contrariado. *Carmen* supunha que, por mais que quisesse ir à festa com os amigos, ele estivesse relutante em deixar passar a oportunidade de se vangloriar perante eles por ter sido convidado por Rennie Todd para almoçar. No en-

tanto, uma coisa era certa: Jonathan não queria mesmo perder aquela farra no Talbot Arms. O que era interessante, pensou Carmen, e fazia-a pensar porque não.

— Ok, tenho uma ideia melhor — disse Rennie. — Comemos o guisado da Rose ao almoço e reservamos mesa no Kincaid para o jantar. Assim podem ir todos à festa desta tarde. — Fez uma pausa como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer. — Na verdade, será que eles se importariam se vocês levassem uns convidados extra?

— Ótimo. Não tem problema nenhum. Claro que também podem vir. — Jonathan acenou vigorosamente com a cabeça e Rose emitiu uma pequena exclamação de prazer.

— Está bem por si, Senhorita Garbo? — Rennie virou-se para ela para confirmar. — Não se importa que apareçamos sem convite?

— Seria um prazer. — Sorrindo abertamente para ele, Rose disse: — E agora já vou conhecer mais alguém lá. Bem, tenho um guisado de peru para terminar. — Num modo eficiente, Rose arregaçou as mangas da camisola azul e branca.

— Vocês podem ir. — Empurrando Carmen e Nancy em direcção à porta da cozinha, Rennie disse: — Eu sei que estão mortinhas por pôr os mexericos em dia. Eu fico aqui para a Rainha Cristina me mostrar como é que se faz um guisado.

Rose, que ainda não se tinha apercebido do quão famoso era o seu novo pupilo, bateu-lhe no rabo com um pano de louça e disse: — Ora, não devias fazer troça de uma velhota. Chama-me Rose e deixa-te de disparates. — Atingindo-o de novo quando ele surripou um pedaço de cenoura crua, acrescentou: — E lava as mãos antes de começares. É assim que as pessoas acabam no hospital.

— Como quiser, sua majestade. «*Falling in love again...*»
— cantou Rennie, abrindo demasiado depressa a torneira da cozinha e salpicando-se de água.

— Essa é a Marlene Dietrich, meu pateta. — Desta vez, Rose teve de usar o pano para o secar.

— Eu sei que é a Marlene Dietrich. É a minha segunda atriz favorita. Sabe — disse Rennie alegremente —, se eu não me conhecesse, perguntar-me-ia se seria gay.

Lá fora, embrulhada num casaco de lã para se proteger do frio intenso, Nancy disse: — Quem poderia pensar? A minha mãe e o Rennie Todd a darem-se como velhos amigos.

— Bem, o Rennie é assim. Ele tem um dom. Ainda bem que a Rose não é vinte anos mais nova. — Carmen esboçou um sorriso. — Não ias correr o risco de a deixar sozinha com ele na cozinha. Oh, meu Deus! Aqui está!

Tinham dado a volta à casa. Ali estava, à frente delas, sobre o relvado gelado, o cortador de relva vermelho.

— Prova número um — disse Nancy. — O veículo que a arguida estava a conduzir quando atropelou o marido.

— E o esfanicou até à morte, cortando-o em milhões de pedacinhos. — De braços esticados e agitando os dedos, Carmen simulou pequenos pedaços de Jonathan espalhando-se pelo jardim. — Bem, não ias precisar de espalhar as cinzas dele. Corta o intermediário, é o que eu te digo.

Era assim que elas costumavam lidar com crises emocionais. Desde os tempos de escola que fazer pouco dos diversos problemas – e dos membros do sexo oposto que eram

invariavelmente a causa dos mesmos – era o mecanismo de eleição para lhes fazer frente.

— Ajudava a relva a crescer — disse Nancy, de nariz dormente por causa do frio.

— Podias pôr assim na lápide dele: péssimo marido, óptimo alimento para as plantas — sugeriu Carmen.

— Péssimo marido, péssimo amante, óptimo alimento para as plantas.

— A sério?

— Não propriamente. Mas imagina como ele ficaria furioso, tendo de ficar ali com isso gravado na lápide dele. — Nancy fez uma pausa e depois disse: — Obrigada por teres vindo.

— O que é que vais fazer?

— Terminar o dia de hoje, esperar que nada de horrível aconteça na festa desta tarde. Assim que a mamã voltar para o apartamento dela, posso perguntar ao Jonathan o que é que ele anda a fazer. Ouvir o que ele tem a dizer em sua defesa.

— E se ele anda mesmo com alguém? — Carmen ergueu as sobrancelhas enviesadas. — O que é que fazes?

— Deixo-o.

— Ok. E se ele negar?

— Não sei. — Nancy sentiu-se um pouco nauseada.

— O que é que preferias?

— Como?

— Que o Jonathan admitisse que é culpado, ou que negasse tudo?

— Não sei.

— Podias ficar — disse Carmen. — Seja qual for o caso,

podes pô-lo para trás das costas e esquecer que alguma vez aconteceu. Muitas mulheres fazem isso.

Nancy olhou para ela. — Porque é que me estás a dizer isso? Nem sequer gostas dele.

— Eu sei. — Carmen sorriu e deu um aperto no braço da amiga. — Mas o Rennie e eu aparecemos aqui como se fôssemos a cavalaria. Cabe-te a ti decidir o que fazer. É o teu casamento. Não quero que te sintas pressionada a fazer alguma coisa drástica só porque nós estamos aqui. Porque se o fizeres, e acabares por chegar à conclusão de que não o querias ter feito, podes vir a culpar-me por te ter arruinado a vida. Podes acabar por me odiar.

Nancy estava emocionada. Ela podia estar prestes a tomar um passo muito importante, e pensar nisso era extremamente assustador.

— Independentemente do que acontecer, nunca te vou odiar. Juro. — Deu umas pancadinhas na mão gelada de Carmen. — É tão irónico, não é? Quando recordamos como era há uns anos atrás. Ninguém dava nada pelo teu casamento. Todos ficaram horrorizados quando tu e o Spike se juntaram. Estavam todos convencidos de que estavas a cometer o maior erro da tua vida, diziam que não duraria seis meses. E olha como vocês os dois foram felizes.

— Até ele morrer e estragar tudo — disse Carmen.

— Mas se ele não tivesse morrido, sabes que vocês ainda estariam juntos. O Spike disse-me uma vez que tu e ele eram como um casal de cisnes — recordou Nancy. — Ele disse que vocês tinham casado para a vida.

— Nós tivemos tanto prazer em mostrar que estavam

todos errados. — Carmen sorriu. — Muito diferente de ti e do Jonathan.

— Eu sei — disse Nancy. — Tipo conto de fadas. Um sonho tornado realidade. Eu tinha tanta sorte, o Jonathan era tão bom partido, o que é que eu tinha feito para merecer alguém tão atraente, tão rico, com um emprego tão bom?

— Ah, sim! Tu é que tinhas o homem perfeito e o casamento perfeito...

— NANCY! — Acima delas, a janela do quarto escancarou-se e Jonathan pôs a cabeça de fora. — Onde está a minha camisa azul *Ralph Lauren*?

Nancy virou a cabeça para cima. — Não faço ideia. Estará pendurada no teu guarda-roupa?

— Não. É por isso que te estou a perguntar o que é que lhe fizeste.

— Usei-a para limpar o chão da cozinha — murmurou Nancy. Depois, erguendo a voz, disse: — No teu saco do ginásio?

— Merda. — Jonathan reapareceu segundos depois com a camisa nas mãos, tão húmida e amarrotada como se tivesse sido usada para limpar o chão. — Eu queria usar isto esta tarde. — Parecia esperançado. — Se a lavasses rapidamente, não a podias passar a ferro e secar?

Francamente, era como ter um adolescente em casa.

— Veste a branca — disse Nancy. — Essa está lavada e passada.

Suspirando, Jonathan desistiu e fechou a janela do quarto.

— És uma mulher cruel e sem coração — disse Carmen em tom reprovador. — Imaginem, não subir já para lavar e passar a camisa dele!

— Eu sei. — Tinha sido um gesto minúsculo de desafio, mas Nancy sentia-se estranhamente liberta. — Eu sou completamente egoísta.

Capítulo 6

○ Talbot Arms, nos arredores de Kilnachranan, estava iluminado quando eles chegaram, enfeitado com luzes natalícias multicoloridas e um Pai Natal cintilante no telhado. Aparentemente, já decorria uma festa de arromba.

— Não precisamos de ficar muito tempo — garantiu Nancy à mãe, porque Rose não estava acostumada a festas. — Só uma ou duas horas.

— Não sejas desmancha-prazeres — disse Jonathan. — É dia de festa. Esta gente vai ficar aqui toda até depois da meia-noite.

Nancy olhou para ele; um pouco de retrospectção era uma coisa perigosa. Agora que ela tinha praticamente a certeza de que ele estava a ter um caso, tudo o que ele dizia ou fazia parecia significativo. O esmero que ele tivera em arranjar-se podia significar alguma coisa. Estaria ele a cortar secretamente aqueles pêlos entre as sobrancelhas? Porque é que, depois de seis anos a usar aftershave *Eau Sauvage*, ele mudara recentemente para o novo *Calvin Klein*? Seria para condizer com as cuecas?

— As pessoas são maioritariamente jovens? — perguntou Rose.

— Há a Nora, que faz a comida. Ela tem mais ou menos a sua idade — disse Jonathan. — Se quiser, pode dar-lhe uma ajuda na cozinha.

— Desculpem — disse Rennie, pondo o braço por cima dos ombros de Rose enquanto se encaminhavam para a porta do pub —, ela não vai ter tempo para a cozinha, vai estar demasiado ocupada a dançar comigo.

— Ora, não gozes comigo. — Rose espetou-lhe os dedos nas costelas. — Não passo de uma velha relíquia.

— Não se subestime. Aposto como dançou bastante no seu tempo.

— Pode haver karaoke. — Nancy achou justo alertar Rennie. No Talbot Arms gostavam muito de cantar.

— Não tem qualquer problema. — Rennie piscou-lhe o olho. — Eu e a Rose teríamos todo o prazer em mostrar-lhes como se faz. Vamos cantar em dueto.

Carmen podia perceber que Nancy estava uma pilha de nervos. Ela sorria e cumprimentava pessoas que conhecia, mas havia uma certa fragilidade no sorriso e os nós dos dedos estavam brancos quando ela agarrou na bebida. Por sorte, mais ninguém lhe estava a prestar muita atenção. Estavam todos muito mais interessados em segredar uns aos outros que se tratava de Rennie Todd.

Era sempre divertido, ver a reacção de outras pessoas às celebridades. Rennie, comportando-se o melhor possível por causa de Nancy, estava a controlar bem a situação. Ele era óptimo a lembrar-se dos nomes das pessoas – o que era conveniente, uma vez que Jonathan estava naquele preciso momento

a apresentá-lo orgulhosamente a Hamish, Pete e a uma hoste completa de amigos – e excelente a fingir interessar-se quando todos o presenteavam com histórias de como já tinham feito parte de uma banda que até poderia ter singrado se as editoras discográficas tivessem tido o bom senso de propor a gravação de um disco.

Spike sempre odiara a atenção, mas Rennie sempre encarara tudo calmamente. Escutando, Carmen sorriu para si mesma quando ouviu o gorducho de nome Hamish dizer: — Ah, nós éramos o máximo. Toda a gente dizia o mesmo. Mas enviávamos uma pilha de cassetes demo e nunca obtínhamos resposta. Se querem saber a minha opinião, nunca ninguém se deu ao trabalho de as ouvir. Asseguro-vos que poderíamos ter tido um êxito estrondoso.

— É um negócio duro — concordou solidariamente Rennie. — Passámos alguns anos a fazer o circuito dos pubs no Sul. Uma noite tocámos para uma assistência de seis e dois deles estavam podres de bêbedos caídos no chão.

— Mesmo assim, acabaram por ter o vosso golpe de sorte. — Hamish ainda sentia claramente que era injusto.

— Realmente tivemos sorte — concordou Rennie de forma simpática. — Eh! Já acabaste quase essa. Deixa-me ir buscar-te outra. Rose, também já acabou? A propósito, já se conheciam? Hamish, esta é a Rose, a minha nova namorada. Rose, diga olá ao Hamish.

— E pensar que estavas preocupada com a tua mãe — murmurou Carmen uma hora depois.

— Eu sei. — Nancy sorriu, embora os olhos continuas-

sem a perscrutar incessantemente o pub. — Achas que pode ser aquela ali?

Jonathan estava a conversar agradavelmente com uma rapariga de top vermelho e mini-saia em PVC.

— Não acharia que aquele fosse o tipo dele. — Mas também, supôs Carmen, era difícil saber que tipo de rapariga Jonathan poderia escolher. Qualquer uma das presentes poderia ser uma potencial «outra». Mais, elas podiam ter percebido tudo mal e ela nem sequer estar ali.

— Vou dar uma ajuda à Nora com a comida — disse Nancy. — Trocar umas palavrinhas com ela, ver se percebo se ela sabe de alguma coisa.

Carmen apertou-lhe tranquilizadamente a mão.

Quando Nancy desapareceu pela porta da cozinha nos fundos do pub, Carmen aproximou-se do bar onde Rose e Rennie estavam rodeados por uma multidão de amigos de Jonathan. Hamish estava naquele momento a perguntar a Rennie qual era a sensação de tocar em frente a uma assistência de quarenta mil fãs em Wembley. Rose, conversava com uma mulher de cabelo escuro na casa dos trinta e estava naquele momento a admirar o vestido dela.

— *Monsoon* — ouviu Carmen a mulher dizer a Rose. — Umas lantejoulas brilhantam sempre as coisas, não acha?

— Nunca tive nada assim tão cintilante. — Rose acariciou a manga. — Acho que estava sempre demasiado preocupada com a conta da lavandaria. Sinto-me mais segura com coisas que podem ir à máquina de lavar. Mas é lindo. Oh, meu Deus! E *isso* também. — Apontou respeitosamente para a mão direita da morena. — Olhem-me para este anel!

De onde se encontrava, Carmen viu três coisas:

Primeira: apesar de estar a meio de uma conversa naquela altura, Rennie parou de falar por um momento.

Segunda: a alguns metros de distância, Jonathan virou a cabeça e olhou para a morena.

E, finalmente, a pior das três: a morena sorriu com prazer e exibiu com orgulho os dedos, fazendo com que o diamante brilhasse à luz da árvore de Natal. E, apenas por breves segundos, o olhar dela cruzou o de Jonathan e ela sorriu para ele.

— Ainda não tinha visto isso! — Agarrando na mão dela, Hamish berrou: — C'os diabos, Paula! Que grande pedra, não é? De onde é que veio isso?

— A minha tia May ofereceu-mo no Natal. Não é verdadeiro — disse Paula. — É zircónio cúbico.

— Nunca é. — Abanando a cabeça de estupefacção, Rose disse: — As pessoas de hoje em dia não são espertas? Ninguém nota a diferença.

— Pensei que tinhas arranjado um admirador secreto — disse Hamish alegremente. — Ok, quem quer mais uma bebida?

Tendo-se afastado da multidão, Rennie disse em voz baixa: — É uma imitação?

O maxilar de Carmen retesou. — Como é que eu hei-de saber? Não sou nenhuma perita. Mas vi a forma como ela olhou para o Jonathan.

— Pois, não digas ainda nada à Nancy. Deixa isto comigo.

Em poucos minutos, Rennie estava a fazer o que sabia fazer melhor: a seduzir a morena que se chamava Paula. Era um talento que ele nunca precisara de refinar;

para ele, seduzir era tão natural como respirar. Ciente de que Nancy ainda estava na cozinha e que Carmen estava sentada num banco do bar a observá-lo, Rennie descobriu que o nome dela era Paula McKechnie, que ela tinha trinta e cinco anos, era divorciada e não tinha filhos. Também ficou a saber que ela trabalhava numa galeria de arte em Edimburgo, que estava de momento sozinha e que adorava comida tailandesa.

— Diz-me uma coisa — disse Rennie em tom de confiança. — Alguma vez te aconteceu cruzares-te com um completo estranho e identificares-te imediatamente?

Paula olhou divertida para ele. — Acho que é possível acontecer. Porquê?

Rennie fez um ar apoloético. — É que eu acho que pode estar a acontecer neste momento. O que é que fazes amanhã à noite?

— Hum... — Claramente lisonjeada e excitada, Paula disse: — Porque é que perguntas?

— Bem, eu vou ficar alguns dias hospedado no Hotel Kincaid. Nunca estive em Edimburgo, por isso não conheço sítio nenhum, mas se pudesses sugerir um bom restaurante tailandês, talvez pudéssemos ir lá os dois. Ou a qualquer outro sítio do teu agrado. Adorava levar-te a jantar para te conhecer melhor. — Rennie parou, com um sorriso hesitante nos lábios, e depois abanou a cabeça e disse: — Mas não faz mal se não quiseres. Só me ocorreu perguntar. Quem não arrisca, não petisca.

Durante a conversa ele tinha estado atento a Jonathan, que estava a pouca distância deles a falar sobre rãguebi com os amigos mas claramente a prestar muita atenção ao que se

passava nas imediações. Paula, também ciente disso, disse: — Hum, bem, é um pouco...

— Desculpa. Esquece que eu convidei. Não tem problema. — Levantando as mãos, Rennie começou a afastar-se.

Paula, cheia de medo de estar a perder a sua grande oportunidade, sussurrou num tom frenético: — Não, olha, liga-me amanhã. — Virando-se de costas para Jonathan, procurou discretamente um cartão na mala *Louis Vuitton* de imitação e enfiou-o na mão dele. — Está aí o meu número, mas é melhor não dizeres a ninguém. Sabes como podem ser as pessoas...

Tão discreto como um carteirista, Rennie enfiou o cartão no bolso.

— Preferes manter isto entre nós. — Ele acenou compreensivamente com a cabeça. — Não faz mal, eu sei mesmo como é que as pessoas podem ser.

Não havia sinal de Nancy. Carmen ainda estava no banco a observá-los intensamente. Fazendo-lhe sinal para que se juntasse a eles, Rennie disse alegremente: — Eh, Carmen! Aqui! Tenho uma coisa para vos mostrar.

Paula deu umas risadinhas. — O que é?

— Traz a garrafa — acrescentou Rennie quando Carmen desceu do banco.

Obedientemente, Carmen pegou na garrafa quase vazia de *Frascati*.

— Ok, é um pequeno truque que aprendi. — Puxando as mangas para cima, Rennie esfregou as mãos e agitou os dedos como Paul Daniels.

— Magia — exclamou Paula, deliciada. — Adoro magia!

Pressentindo que ele estava a preparar alguma, Carmen disse: — O Rennie é uma caixinha de surpresas.

— Se eu conseguir lembrar-me como se faz. — Ele fez uma pausa, bastante concentrado, e depois anuiu com a cabeça e estendeu a mão a Paula. — Ok, dá-me o teu anel.

Extasiada, Paula retirou-o do dedo e entregou-lho. — Não o faças desaparecer, está bem? A tia May ia ficar furiosa.

— Não o faço desaparecer — prometeu Rennie. Pegando na garrafa de *Frascati* com uma mão e observando cuidadosamente o nível do vinho, Rennie exibiu o anel de Paula e disse: — Ok, agora concentra-te. Só consigo fazer isto uma vez. — Expirou lentamente. — Preparada?

Carmen semicerrrou os olhos na direcção dele, avisando-o para não fazer asneira e para fazer de uma vez aquilo que estava a pensar fazer.

— Preparada — disse Paula sem fôlego.

— Então, cá vai. — Segurando no anel, Rennie roçou-o pela garrafa.

O risco no vidro era nitidamente visível.

— Só isso? — perguntou Paula.

— É melhor dizeres à tia May para devolver o anel à loja e apresentar reclamação. Isto não é zircónio cúbico — disse Rennie. — Eles venderam-lhe um anel com um diamante verdadeiro.

— Ok. — Paula aproximou-se dele e baixou a voz. — Este anel foi uma pessoa que me deu de prenda de Natal. Eu sei que é um diamante verdadeiro. Só não queria que toda a gente ficasse a saber. Não tens ideia de como é viver num lugar como Kilnachranan.

— Ter um caso com um homem casado, garantir que a mulher não descobre — disse Rennie. — Não pode ser fácil.

O maxilar de Paula retesou. Ela olhou para ele durante alguns segundos e depois abanou a cabeça. — Não é. Podes devolver-me o anel?

Mas Rennie estava a examiná-lo. — Sabes o que o Jonathan comprou para dar à Nancy no Natal? Um cortador de relva.

Ele viu a cor esvair-se da cara de Paula e a respiração dela ficar mais acelerada e superficial.

— Foi? — A voz dela era neutra.

Carmen disse: — Rennie, eu...

— Eu diria que tu fizeste melhor negócio — continuou Rennie. Talvez não fosse assim que estivesse planeado, mas ele ia ficar irritado se parasse naquele momento. — É o Jonathan, não é?

Paula olhou como se tivesse completamente parado de respirar. — *O quê?!*

— Vá lá, não me venhas com isso. Estás a ter um caso com o Jonathan Adams, mesmo debaixo do nariz da mulher dele, e agora foste apanhada...

— Rennie! — disse Carmen, espetando-lhe um dedo nas costelas. E ele parou. Mas já era demasiado tarde. Ao virar-se, Rennie viu Rose atrás dele com um tabuleiro de batatas assadas e uma tigela de gambas com maionese. *Merda, merda.* Pela expressão dela, devia ter ouvido tudo.

Rennie preparou-se mentalmente para o embate do tabuleiro metálico no chão. Merda, ela tinha de se aproximar dele logo naquele momento!

— É verdade? — sussurrou Rose.

— Lamento. — Abanando a cabeça, Rennie pôs uma mão no braço dela. — Rose, lamento imenso.

Ignorando-o, Rose olhou fixamente para Paula. Ainda segurando o tabuleiro, repetiu: — *É verdade?*

Capítulo 7

A volta deles, a festa continuava em plena agitação. Literalmente, no caso da equipa de *curling* local com os seus kilts que dançava freneticamente ao som de Bon Jovi na jukebox.

Paralisada com horror, Paula tentou recuar um passo. Olhou desesperadamente para Jonathan, mas ele estava demasiado ocupado a rir das palhaçadas da equipa de *curling* para reparar.

— Lá fora — sibilou Rose.

— Q-quê?

— Lá fora. Agora. — Rose entregou o tabuleiro de batatas assadas a Carmen e acenou com a cabeça em direcção à porta. — Sem atrair as atenções.

Naquele momento, um dos dançarinos de kilt perdeu o equilíbrio e caiu para trás, aterrando de rabo no chão e criando uma diversão conveniente. Enquanto a assistência gritava deliciada ao descobrir que ele era um verdadeiro escocês, Rose empurrou Paula, como um pequeno e feroz segurança, para fora do pub.

Rennie olhou para Carmen. — Droga!

Carmen pousou o tabuleiro. — A Nancy vai matar-te.

— Isso é se a mãe dela não matar primeiro a Paula.

Seguiram Paula e Rose para fora do pub. Eram quatro

horas, já estava a escurecer lá fora e tinha começado a nevar. Iluminada pelo brilho laranja nebuloso das luzes da rua, com flocos de neve aglomerando-se no cabelo, Rose McAndrew dizia poucas e boas à jovem trémula.

— ... vai ouvir-me e prestar atenção! A minha filha é uma boa menina. Ela merece muito *melhor* do que isto. O marido dela pode ser um idiota desprezível, mas, por alguma razão, e só Deus sabe qual, a Nancy venera-o. Ela ama aquele homem e eu não permitirei que ela sofra. Se acha que é muito inteligente roubar um marido à sua esposa, bem, então é tão estúpida como ele. Homens como aquele não valem a pena ser roubados, vá por mim. E eu não vou certamente ficar de braços cruzados a vê-la magoar a minha filha.

— Mas... — começou Paula.

— Nada de mas — interpôs friamente Rose. — Acabou-se. Não volta a ver o Jonathan e a Nancy nunca vai descobrir o que o patético do marido tem andado a fazer nas costas dela.

— Na verdade, não faz mal. Eu já sabia. — Saindo do escuro, Nancy viu todos voltarem-se e olharem para ela. Quando, dois minutos antes, saíra da cozinha e descobrira que a mãe e os amigos tinham desaparecido do pub, ninguém parecia saber para onde tinham ido. Ao abrir a porta do pub, tinha ouvido Rose a repreender alguém e o espanto tinha-a feito estacar. Escondendo-se onde ninguém a pudesse ver, tinha ouvido tudo, incrédula. Mas, em vez da traição de Jonathan, era a reacção da mãe que a estava a surpreender verdadeiramente.

Ela nunca tinha ouvido a mãe assim e nunca desconfiara que ela fosse capaz de tal palavreado. Era como Gaby Roslin

descascando a pele para revelar Anne Robinson por debaixo. Ainda mais impressionante era a descoberta de que Rose não adorava Jonathan nem venerava o chão que ele pisava. Naquele momento, parecia mais inclinada a cuspir para cima dele.

Nancy apercebeu-se de que ainda estavam todos a olhar para ela, à espera que ela dissesse mais qualquer coisa. Era como entrar em palco sem saber o texto.

— Eu já sabia — disse ela outra vez, tremendo em parte por causa do frio e em parte por causa da emoção. — Mas, mamã, como é que *tu* descobriste?

— Estava no sítio certo na altura certa. — Tão chocada como Nancy, Rose disse: — Mas não posso acreditar que *tu* saibas. Oh, querida, porque é que não me disseste?

— Porque não queria estragar o teu Natal. Sabia que ias ficar transtornada.

Rose abanou a cabeça em repúdio. — Transtornada? Não estou transtornada, estou furiosa!

Nesse momento a porta abriu-se e Jonathan apareceu. Analisando de relance a situação, disse: — O que se passa? Porque é que estão todos aqui fora?

— Podes ser estúpido, Jonathan, mas não estás morto — retorquiu Rose. — Até tu deves perceber o que se está a passar.

Extasiada com a transformação na mãe, Nancy olhou para Paula McKechnie, que tremia no seu vestido de lantejoulas e tinha um ar absolutamente miserável. Quando ela levantou a mão para limpar flocos de neve do rosto, um diamante cintilou-lhe na mão direita. Vendo que Nancy estava a ver Paula, Rennie disse: — É a prenda de Natal.

Nancy não fazia ideia de como é que ele tinha descoberto aquilo. Enquanto estivera ocupada a ajudar Nora na

cozinha, a cortar cebolas e a ralar uma montanha de queijo, tinha-se passado tudo sem ela.

— A enganares a tua mulher! — Rose olhou para Jonathan com desdém. — Isso é tão baixo. Como foste capaz? Ela nem sequer é tão bonita como a Nancy! Devias ter vergonha! A minha filha adora-te...

— Mamã, deixa estar. Eu vou deixá-lo. — Nancy sentiu formar-se-lhe um nó na garganta, porque não podia acreditar que estava a dizer aquilo a Rose, a estragar-lhe o Natal e a partir-lhe o coração. Só que a minúscula e frágil mãe não parecia assim tão desolada. À luz do poste de iluminação, Rose virou-se de frente para Nancy com um olhar de esperança no rosto.

— Verdade? A sério? Oh, querida! Graças a Deus! — Entrelaçando os dedos esguios, Rose disse ansiosamente: — Tens a certeza?

— A certeza absoluta. — O sorriso de Nancy tinha ficado vacilante com o alívio. — Achei que fosses doida pelo Jonathan. Pensei que ias ficar devastada!

— Querida, estás doida? Há anos que percebi que ele não era suficientemente bom para ti! Não confiaria mais nele do que num verme.

— Olhem, isto é ridículo! — explodiu Jonathan. — Não podem conversar sobre mim como se eu nem sequer estivesse aqui! O que é que estão a tentar inventar? Que há alguma coisa entre mim e a Paula?

— Mentiras, mentiras. Vês o que quero dizer com ele ser patético? — Rose abanou a cabeça com desdém.

— Jesus! Depois de tudo o que eu fiz por si — retorquiu Jonathan. — Acha realmente que eu queria que vies-

se passar o Natal aqui connosco? Só aturei isso para fazer a Nancy feliz.

Indignada com aquele ataque à mãe, Nancy abriu a boca para protestar mas sentiu a mão de Rennie no braço. — Deixa-a continuar — murmurou ele, acenando com a cabeça em direcção a Rose. — Ela está a ir lindamente.

— E fizeste realmente um óptimo trabalho — ripostou Rose com espírito. — Deixa estar, pelo menos animaste-me. Este está a ser o meu Natal mais feliz dos últimos anos. — Virando-se para trás, de frente para os outros, disse alegremente: — Brrr! Estou a ficar com frio. Vamos entrar?

Sorrindo para Nancy e para Carmen, Rennie disse: — Como queira. A Rose é que manda.

— Esperem! — gritou Jonathan quando começaram a afastar-se. Paula já tinha corrido para dentro, mas ele nunca fora capaz de suportar não saber a resposta a algo que o estivesse a incomodar. — Como é que descobriste?

Já estava a nevar intensamente. Examinando-o, Nancy pensou quão bonito estava o pub todo iluminado, quão festivo e convidativo, e como ter o cabelo molhado colado à testa não ficava mesmo nada bem a Jonathan.

Confortada pela sensação da mão quente de Rennie no seu pescoço, ela disse: — Se eu te contasse, perdia a piada. Quando for altura de começares a enganar a Paula, é melhor teres cuidado para que não volte a acontecer. — Ela parou e acrescentou, mais alegremente do que imaginara possível: — Assim, é possível que aconteça.

Capítulo 8

Como estás? — murmurou Rennie naquela noite ao jantar.

— Sabes, não faço a mínima ideia. — Nancy sentia-se tocada pela preocupação dele; afinal, ele era virtualmente um estranho. Mesmo que o facto de o casamento dela ter acabado naquela tarde se devesse em grande parte a ele.

— Estás em estado de choque — disse-lhe Rennie. — Mas fizeste a coisa certa.

Estavam no restaurante do Kincaid, em Edimburgo; Rennie tinha insistido para que ficassem no hotel e em levá-los a jantar como tinha sido combinado. Depois de saírem do Talbot Arms, os quatro tinham regressado à casa de Nancy e de Jonathan e ajudado Nancy a fazer as malas.

— Não precisas de sair de casa — tinha-lhe lembrado Carmen. — Porque é que tens de ser tu a sair?

— Prefiro assim. — Nancy não precisara de pensar sobre o assunto; a mente dela já estava resolvida. A casa sempre lhe parecera mais de Jonathan do que dela. Era ele que pagava a hipoteca, a propriedade estava em nome dele, era ele que tinha invariavelmente a última palavra no que dizia respeito à decoração ou à compra de mobiliário. Bem, ele que fizes-

se bom proveito. Naquele momento ela não se importava de nunca mais ver Kilnachranan.

Fazendo sinal com a cabeça ao empregado de mesa que estava a interrogar-se se eles queriam os copos novamente cheios, Rennie espetou um escalope e disse: — E se ele te quiser de volta?

Do outro lado da mesa, Rose pousou o garfo e disse: — Ela diz-lhe para ir dar uma grande volta. Não te preocupes, eu garanto isso.

Nancy não conseguiu evitar sorrir. — Sinceramente, é como ter uma nova mãe. Tu nunca foste assim.

— Eu sei. Estou a tentar compensar o tempo perdido. Podia fazer-me o favor de trazer um pouco mais de manteiga? — Tocando no braço do jovem empregado, Rose confidenciou: — Já comi dois pãezinhos, mas são tão maravilhosos que vou comer um terceiro. Não te preocupes, amor, eu pago o extra.

Rose estava a adorar cada minuto da noite. Observando-a ali sentada à mesa, uma figura franzina de cabelo grisalho, de camisa azul-clara e fato predilecto de malha cor-de-rosa, Nancy maravilhava-se com a mudança que ocorrera na mãe.

— Não tens de pagar nenhum extra. Mamã, porque é que nunca me disseste o que pensavas do Jonathan?

— Oh, Nancy. Decerto saberás a resposta. Lembra-te do Darren — disse Rose suavemente.

Nancy reprimiu um arrepio. Ah, sim, ela lembrava-se de Darren. O seu primeiro amor. Darren era dois anos mais velho do que ela – dezoito, caramba!, *tão* crescido – e o pesadelo de qualquer mãe. Conduzia como um lunático, bebia como... bem, como um lunático, deixara-a muitas vezes pen-

durada para fazer uma ronda pelas discotecas com os amigos e tinha, de um modo geral, tornado a vida nela num inferno.

Quando Rose lhe salientara esse facto, expressando simultaneamente a sua opinião sobre Darren, a relação das duas tinha sofrido um grande abalo. A última coisa que Nancy quisera fora que também a mãe lhe fizesse a vida num inferno. Ela lembrava-se bem do dia em que, com as hormonas em força e consumida por toda aquela injustiça, gritara «Tu não compreendes, EU AMO-O! E ele ama-me!», antes de subir a correr para o quarto e de bater com a porta com tanta força que o poster dos Spandau Ballet caíra da parede.

Depois disso, sentira-se moralmente obrigada, como qualquer rapariga de dezasseis anos, a continuar a ver Darren por mais oito humilhantes meses.

Que imbecil ele tinha sido. Que masoquista ela tinha sido.

— Bem — disse Rose, do outro lado da mesa —, eu não ia correr o risco de isso acontecer de novo. E, para ser sincera, o Jonathan até me pareceu boa pessoa. Isso foi um tempo antes de eu decidir que afinal não gostava dele. Mas tu estavas prestes a casar-te e não me terias agradecido se eu to dissesse, por isso que mais podia eu fazer? Podias até ter-me cortado da tua vida.

— Oh, Deus! Eu não...

— Bem, eu não ia correr esse risco. — Rose encolheu os ombros e untou calmamente o pão com manteiga. — Foi muito mais simples fingir que o adorava. Seja como for, agora já acabou e esse foi o melhor presente de Natal que eu podia ter recebido. Tens a vida inteira à tua frente. És jovem e linda e podes fazer tudo o que quiseres.

Nancy rezou para não começar a chorar. A subitaneidade de tudo aquilo tinha-a abalado imenso. — Não sei o que quero fazer. Não sei o que *consigo* fazer. — Uma imagem sua de boné horroroso de basebol a servir ao balcão do Burger King assaltou-lhe a mente. Ela afastou-a rapidamente.

— Eh, não precisas de te preocupar com isso. Pensa um tempo no assunto — disse Rennie.

Sentindo-se em pânico e impotente, Nancy disse: — Mas eu não tenho onde viver.

Rose começou a dizer: — Querida, tu...

— Agora estás a ser tola — disse Rennie de forma enérgica. — Podes ficar connosco!

— Claro que sim — disse Carmen. — Afastas-te daqui um bocado, tiras umas férias. Seria fantástico ter-te em Londres. — Virando a sua atenção para Rennie, ergueu as sobrancelhas e acrescentou vincadamente: — *Connosco?*

Ele olhou confuso. — O quê?

— Acabaste de dizer *connosco*.

Rennie encolheu os ombros. — O resto da tournée foi cancelada. Estou livre durante os próximos meses.

— Então está decidido, é isso? — Carmen parecia irritada. — Ontem à noite perguntaste se podias ficar alguns *dias*.

Vendo a reacção dela, Nancy indagou-se sobre o que é que se estaria a passar.

— E desde aí decidi que tu precisavas de companhia. — Impávido, tratando claramente a reacção de Carmen como uma provocação e não um insulto, Rennie disse: — Eu prometi ao Spike que se lhe acontecesse alguma coisa, eu ia tomar conta de ti.

— Mentiroso! Deixa-te de mer... tretas! — disse Car-

men com um olhar apoloético em direcção a Rose. — Ele nunca te pediu nada disso.

— Ok, talvez ele não tenha pedido. Mas era uma daquelas coisas que estava subentendida.

— Que ias tomar conta de mim? Há meses que não nos víamos!

— E agora eu quero compensar o tempo perdido. — Batendo com o garfo no prato, Rennie disse: — Este presunto é fantástico.

— O que é que vai ser? Vigilância de vinte e quatro horas? Não preciso que tomem conta de mim. — Carmen estava na defensiva. — Estou ótima.

Voltando a atenção para Rose, Rennie disse descontraidamente: — Tem decorações de Natal em sua casa?

— Queres dizer, no meu apartamento? — Surpreendida, Rose disse: — Bem, claro que sim. Não me entusiasmei muito, já que era só eu e nem sequer ia passar lá o Natal propriamente dito, mas montei uma árvore e pus luzes na janela. E tenho também uma linda coroa com pinhas douradas. — Olhou ansiosamente para Rennie. — É a isso que te estás a referir?

Carmen também estava a observá-lo, tão rebelde como qualquer adolescente.

— Quando apareci ontem em casa da Carmen, não havia nada — disse Rennie em tom de conversa. — Nem uma luzinha, nem uma fita decorativa à vista.

Rose olhou para Carmen, tão chocada como se Rennie tivesse acabado de anunciar que ela era a atracção principal de um clube de striptease.

— Oh, querida! Nem uma árvore?

— Isto é ridículo! — explodiu Carmen. — Há coisas muito mais importantes do que decorações de Natal, sabiam? Só porque eu estava demasiado ocupada para me preocupar com isso, não faz de mim nenhuma coitadinha...

— Olhem, não se preocupem comigo — disse Nancy apressadamente. — Acho que vou ficar aqui mesmo em Edimburgo.

— Não vais, não — declarou Carmen, de olhar fulminante. — Vais ficar comigo. E assim não vou precisar de um... de uma ama para tomar conta de mim, porque não vou estar sozinha, pois não?

— Oh, querida, ele não queria dizer isso — disse Rose.

— Quería, sim. Era exactamente isso que eu queria dizer — disse Rennie. — E como é que é suposto a Nancy animar-te quando está neste momento a tentar ultrapassar o fim do próprio casamento? Vocês as duas fazem um lindo par, vivendo como duas eremitas, uma tão deprimida como a outra. Do que ambas precisam é de se divertir. Eh, não olhes assim para mim — disse ele, mais suavemente, a Carmen. — Estou só a tentar ajudar. Vocês precisam de se animar e eu posso fazer isso, é nisso que eu sou bom.

— Ele tem uma certa razão — disse Rose hesitantemente.

— Obrigado, Rose. — Rennie anuiu com a cabeça com satisfação e fez sinal ao empregado. — Queríamos uma garrafa de *Veuve Cliquot*, por favor.

— E é só por alguns meses — acrescentou Rose. — Não é como se ele lá fosse ficar para sempre.

Muito sério, Rennie disse: — Obrigado, Rose. Tenho a certeza de que disse isso no bom sentido.

— Detesto que me animem — resmungou Carmen. — Gente doida, pulando e batendo as mãos como orangotangos, berrando para nos juntarmos e nos divertirmos.

— Ok. Nada de pulos nem de palmas, prometo.

Cansada, Carmen disse: — Não vais desistir, pois não?

— Não — disse Rennie. — Nancy? Importavas-te de ter mais uma pessoa em casa? Só por algumas semanas — lembrou-lhe ele. — Não é como se eu lá fosse ficar para sempre.

— Tu, tu... — Bem-disposta, Rose deu-lhe uma palmadinha no pulso. — Sabes que eu não queria dizer isso.

— Claro que não me importo. — Nancy não achava que estivesse em posição de objectar. Afinal tratava-se da casa de Carmen. — Mas...

— Nada de mas. Sabes que faz sentido. Carmen, se eu prometer não me comportar como um orangotango, deixas-me ficar? — Ele já estava a segurar na mão dela com um ar emotivo.

Esforçando-se para não rir, Carmen disse: — És um verme. Não esperes que eu faça tudo por ti, ok? Porque sei muito bem como é que tu és.

De olhos verde-escuros a cintilar, Rennie atirou-lhe um beijo. — Sem problemas. Vamos ter lá a Nancy para fazer isso.

— Senhor, o seu champanhe. — O empregado chegou, segurando uma garrafa branca de condensação envolta num guardanapo branco.

— Timing perfeito. — Rennie sorriu para ele. — Temos um motivo para comemorar.

— E nada de cantar a meio da noite — avisou Carmen. — Odeio quando fazes isso. — Para Nancy, acrescentou: — Ele não está minimamente adaptado a viver numa casa, sabes?

Nancy começou a interrogar-se no que é que se estaria a meter.

— Ela fala como se eu não soubesse usar a caixa da areia — queixou-se Rennie a Rose.

— Tenho a certeza de que não és assim tão mau. — O tom de Rose era consolador.

— Ele passou tanto tempo a viver em hotéis, que está completamente institucionalizado — queixou-se Carmen. — Vai pôr os sapatos fora da porta do quarto e exigir serviço de quartos.

— Não posso evitar. Preciso do amor de uma boa mulher — disse Rennie.

— Ah! — resmungou Carmen. — Pelo que sei, já tiveste o amor de mil boas mulheres. Do que precisas é de uma escrava.

Capítulo 9

Connor O'Shea podia ter-se mudado de Dublin há onze anos e ter feito de Londres a sua casa, mas o sotaque irlandês estava tão forte como sempre. E ele tencionava inteiramente mantê-lo o resto da vida. Ficava-lhe bem, combinava com a sua personalidade e tinha o efeito desejado quando se tratava do sexo oposto. A bem da verdade, que mais se poderia exigir de um sotaque?

Infelizmente, a pessoa naquele momento do outro lado da linha era um homem e estava muito mais interessado em queixar-se de problemas relacionados com os recursos humanos e com as escalas de férias. Espreguiçando-se e bocejando, Connor deixou-o falar.

— ... e a Savannah anda a queixar-se que as T-shirts do pessoal estão demasiado apertadas. Ela quer que eu encomende algumas de tamanho XL. Eu disse-lhe que a culpa era dela por ser uma baleia.

Pronto, ele tinha mesmo de interromper: — Neville, encomenda as T-shirts e pára de dar dores de cabeça à Savannah. — Da janela da sala de estar, Connor observou um táxi a estacionar.

— Mas ela é tão gorda! É... ugh! — Não era preciso ver

Neville para saber que ele estava a estremecer de repulsa. Neville era tão fastidioso como era atlético, e tão atlético como gay. Por sorte, Connor sabia que Savannah era mais do que capaz de se defender e, se necessário fosse, de o esborrachar.

— Agora já sabes tão bem quanto eu que as pessoas vão para os ginásios por diferentes motivos. Algumas são como tu. Têm corpos como o teu e gostam de se manter em forma. — Connor indagou-se porque é que estaria a dar-se ao trabalho de dizer aquilo quando Neville já estava perfeitamente ciente do facto. — E depois há os outros clientes, do tipo que só querem ficar um pouco melhor do que são. Neville, se tu não soubesses nadar e fosses para uma piscina pela primeira vez, preferias ficar com o grupo dos principiantes ou com a equipa olímpica?

— Ok, ok — resmungou Neville.

— Não ias gostar de ser intimidado — persistiu Connor. — Que te fizessem sentir estúpido. As mulheres com um pouco de peso a mais sabem perfeitamente bem que nunca vão ter a aparência da maioria das nossas instrutoras, mas sentem-se extremamente incentivadas quando vêem alguém como a Savannah numa aula, porque ela pode ser um pouco forte, mas também está em forma. E é muito atraente. Elas gostam das aulas dela porque podem aspirar a ser como ela. Metade delas não se inscreveria numa aula dada por uma trinca-espigas. Por isso encomenda lá as T-shirts, está bem?

— Está. — Neville sentia-se ofendido. — Podemos falar agora das escalas das férias, ou não estás interessado?

— Adoraria saber disso tudo — mentiu Connor — mas estou com pouco tempo. De facto, o meu táxi acabou de chegar. Se calhar é melhor enviares-me isso por fax.

Deus! Para um homem tão atlético, Neville era uma autêntica velha! Connor desligou o telefone e indagou-se por que razão é que o convidara para gerir o Lazy B de Islington. Porque, com certeza, devia estar bêbedo. O espírito da cadeia de Lazy Bs era que nem todas as pessoas eram perfeitas e que havia coisas mais importantes na vida do que a perfeição física.

Mas quem seria aquela a sair do táxi? Ah, a Mulher Invisível! Sorrindo para si mesmo, Connor viu-a pagar ao motorista – graças ao cunhado dela, ele sabia agora que ela se chamava Carmen – e esperou para ver se ela olharia para a janela dele enquanto se encaminhava para a porta da casa ao lado. Bem, havia sempre uma primeira vez para tudo. Se ela olhasse, ele acenaria e diria olá, e – muito provavelmente – pregar-lhe-ia um susto de morte.

Ela não olhou. Não olhando propositadamente para lado nenhum, Carmen entrou rapidamente em casa como se estivesse com medo de ser assaltada. O que, convenhamos, era muito pouco provável na Fitzallen Square. Só Deus sabia o que ele estava a fazer ali. Coçando distraidamente o peito e indagando-se se seria altura de fumar outro cigarro – ele estava a tentar racionar-se a um de duas em duas horas, um projecto miseravelmente condenado ao fracasso –, Connor afastou-se da janela e dirigiu-se ao frigorífico. Uma fatia de Cambazola taparia o buraco.

Ok, ele era uma desgraça. Admitia-o abertamente. Dez anos antes abrira o primeiro Lazy B em Oxford. Tradicionalmente, os fundadores de ginásios ou centros de manutenção não comiam de mais, não bebiam de mais, não fumavam de mais nem encaravam uma hora de exercício como uma hora de puro suplício. Mas isso acabara por se transformar numa

coisa boa porque dera a Connor O'Shea o ímpeto para abrir o tipo de ginásio que ele não considerasse completamente insuportável. O sonho dele fora criar um ginásio com um pub, com a ênfase no prazer e na socialização. No tempo dele visitara muitos ginásios que lhe lembravam laboratórios – locais frios e clínicos, cheios de aparelhos modernos, com muitos fanáticos pelo exercício a exercitar-se nos aparelhos como... bem, como ratos de laboratório. Se havia alguma coisa para beber, era uma bebida saudável. Se havia alguma coisa para comer, incluía forçosamente uma salada. O que era ótimo para os fanáticos, mas não era assim tão bom para a vasta maioria das pessoas que poderia – num ataque de entusiasmo – inscrever-se nestes ginásios, mas que, após as primeiras semanas, já tinha mais motivos para não os frequentar. Os desistentes, que era como Connor lhes chamava, precisavam de maior incentivo para aparecer e para continuar a aparecer, mês após mês. E, ok, talvez socializassem mais do que se exercitavam, mas um pouco de exercício era melhor do que nenhum.

Fora essa a ideia por detrás do Lazy B e tivera um grande sucesso. Ao fim de dez anos, o negócio estava a ir de vento em popa.

A campanha tocou quando Connor estava a debater-se com o invólucro de uma caixa de ovos escoceses. Enquanto se dirigia à porta, indagou-se se seria a vizinha que se iria apresentar e pedir uma chávena de açúcar. De onde teria vindo aquela expressão? Será que noutros tempos as pessoas precisavam realmente de pedir chávenas de açúcar? Não seria mais provável que lhes acabasse o detergente da louça ou pilhas ou o papel higiénico? Ele nunca precisara de pedir açúcar emprestado.

Não era a vizinha.

— Papá! Estás aqui! — De cabelo louro esvoaçante, Mia lançou os braços à volta do pescoço de Connor, deixando cair o boné de basebol.

Perplexo, ele abraçou-a. — Não acredito! Estarei no *This Is Your Life*? Estará o Michael Aspel escondido atrás de um marco de correio?

— Lamento, mas sou só eu. Anda lá — disse Mia com ar autoritário —, convida-me para entrar. Está um gelo aqui fora.

O coração de Connor inchou de amor pela filha. — Que surpresa fantástica! Porque é que não me avisaste que vinhas?

— Ora, porque assim já não teria sido uma surpresa fantástica, pois não? — Mia agachou-se para apanhar o boné azul da *Nike*, entrou e fechou a porta. Depois sorriu abertamente para o pai e tirou a mochila das costas. — Mas devo dizer que estou feliz por não teres saído. Quero uma chávena de chá e uma sanduíche com ovo frito... oh, e depois adorava tomar um banho, estou aflita dos pés.

— Acabaram-se os ovos — disse Connor.

— Não se acabaram, não. Eu trouxe alguns. — Na cozinha, Mia abriu a mochila e retirou de lá uma caixa de ovos. — Presente da mamã.

Contrariado, Connor aceitou a lembrança. Aquilo significava que se tratava dos ovos mais orgânicos e de pastagem natural que se pudesse imaginar, tanto por dentro como por fora. Ele sabia que estariam sujos com cocó de galinha, penas e pedacinhos de palha. Para Laura, lavá-los à torneira era estragá-los.

— Ótimo. Tu fritas os ovos, eu faço o chá.

Mia, que não se deixava enganar, disse alegremente: — Cobarde.

Connor encheu a chaleira com água, encostou-se à bancada e observou a filha a esfregar rapidamente a casca dos ovos que trouxera de Donegal. Era quase impossível acreditar que Mia tinha dezasseis anos; não havia muito tempo, ela fora uma menina de quatro anos determinada e birrenta com as suas jardineiras laranja todas empoeiradas. E agora estava mais alta do que nunca e usava calças de ganga pretas de aspecto envelhecido, botas pretas bicudas e uma camisola de lã às riscas pretas e amarelas que a fazia parecer uma abelha sobre andas. O cabelo louro por altura dos ombros estava atado atrás com um elástico rosa e a única maquilhagem que ela usava era máscara de olhos.

Mia, a sua linda filha. Ela era a pessoa mais importante da vida dele, contudo, descobrir a sua existência causara-lhe uma dor incalculável. E também revolta. Seria de espantar que Mia fosse determinada, quando a mãe dela era Laura?

Laura tinha uma daquelas lojas hippy em Dublin quando Connor a conhecera. Ele tinha dezassete anos, ainda estava a estudar e trabalhava em part-time na padaria que havia ao lado da loja de Laura. Com o seu cabelo louro até à cintura, vestidos de malha bordados e um sorriso enfeitiçador, ele sentira-se naturalmente atraído por ela. Bem, convenhamos, aos dezassete anos e com as hormonas aos pulos, era difícil ele encontrar uma mulher que não achasse atraente.

Mas Laura enfeitiçara-o. Fascinado pela crença dela nos cristais, o ar de mistério e, ok, a figura magnífica, Connor passara a frequentar a loja com aroma a incenso quase todos os dias. Comprou, para oferecer à mãe no aniversário, um uni-

córnio de porcelana com olhos luminosos de safira que a alarmara imenso já que ela estava mais acostumada a conjuntos de sabonete e talco da *Yardley*.

Quando Laura começara a convidá-lo para subir até ao minúsculo apartamento por cima da loja, ele sentira como se tivesse ganhado a lotaria. O sexo fora uma revelação, melhor do que ele tinha alguma vez imaginado, possivelmente porque Laura, com vinte e sete anos, era uma mulher experiente. No quarto dela, que cheirava a pachuli e jasmim, ela apresentara-lhe os prazeres do sexo e ensinara-o a dar e a receber prazer.

A relação clandestina tinha durado três meses. Connor ficara sem palavras quando Laura lhe anunciara calmamente um dia, assim de repente, que ia sair de Dublin, trespassar a loja e mudar-se para um minifúndio em Donegal.

Ele sentira como se lhe tivessem tirado o ar.

— O quê? Mas... porquê?

— Quero ser auto-suficiente. — Laura acariciou-lhe afectuosamente o peito; estavam na cama nessa altura.

— Mas eu não quero que tu vás!

— Connor, tu tens dezassete anos, és um miúdo muito bonito. Acredita, vais encontrar outra pessoa em menos de nada.

— Eu amo-te — disse ele subitamente, e Laura sorriu.

— Não amas, não. Amas fazer sexo comigo. Eu sou dez anos mais velha do que tu. Sei o que quero fazer com a minha vida e agora vou passar à próxima fase. Vou cultivar os meus próprios vegetais, tratar de ovelhas e cabras, fiar a minha própria lã. Vai ser fantástico.

Completamente desolado, Connor disse: — Posso ao menos ir visitar-te?

— É melhor não. Não faria muito sentido. Eh, nós divertimo-nos! — Laura deu-lhe um beijo afectuoso na boca. — A vida é uma viagem, certo? E agora está na altura de cada um seguir o seu caminho. Eu não me arrependo de nada, Connor. Sempre me sentirei contente por termos tido este tempo juntos. És uma pessoa maravilhosa.

Resignado, Connor disse: — Mas não maravilhosa o suficiente.

Claro que Laura estivera certa. Inicialmente ele sentira a falta dela, mas a vida continuara e ele acabara por sofrer menos do que tinha imaginado. Depois de algum tempo começara a sair com outra pessoa, uma rapariga bonita de dezoito anos chamada Niamh, que estava a estudar Direito em Trinity. As lembranças de Laura tinham desaparecido gradualmente da sua mente, tal como ela lhe havia garantido.

Afinal, ele ainda tinha só dezassete anos.

E a coisa teria ficado por aí, não tivesse sido um encontro casual cinco anos depois.

A namorada de Connor na altura, uma esteticista chamada Clodagh, tinha sido convidada para o casamento de uma antiga colega de escola. Contrariado, Connor vira-se forçado a ir com ela. Não era isso que ele queria fazer – verdade seja dita, ele estava prestes a terminar tudo com Clodagh – mas ela tinha insistido, reservando um fim-de-semana num hotel rural nas imediações como incentivo.

O casamento ia decorrer em Donegal e o hotel tinha um spa. Ao chegar lá na sexta-feira de manhã, Clodagh anunciara que fizera também marcação para os dois passarem a tarde no spa, com direito a tratamento com lamas, massagem, pedicura, manicura, Reiki e uma cama de bronzamento. Foi nesse

momento que Connor teve a certeza que a relação deles tinha acabado.

— Não quero nada disso — disse ele a Clodagh.

Perplexa, ela disse: — Porque não? Ias adorar.

— Garanto-te que não ia. Tu é que ias adorar. — Connor pegou no casaco. — Não consigo pensar em nada mais terrível. Vai lá para o teu spa. Encontramo-nos aqui às seis.

Era um dia quente e soalheiro de Julho. Deambulando pela cidade, ele deparara-se com um pequeno mercado com bancas vendendo uma diversidade de queijos, salsichas, linho irlandês, vegetais, louça de barro, pequenas lembranças para turistas e cestos feitos à mão. Como estava com fome, Connor parou num pequeno pub que vendia comida e sentou-se numa das mesas da esplanada para beber a sua caneca de *Guinness*, desfrutar um prato de presunto e ovos com batatas fritas e ver o movimento. Ele não tinha qualquer pressa, não precisava de regressar ao hotel antes das seis da tarde. Talvez depois do almoço fosse até à praia para ver os surfistas. Ou percorresse o trilho da falésia e admirasse o cenário espectacular. Ou encontrasse uma casa de apostas e decidisse que estava a sentir-se com sorte suficiente para um joguito.

Despreocupadamente, observou uma menina numas jardineiras cor-de-laranja sujas a debater-se para conseguir sentar as bonecas. O cabelo louro da menina caía solto pelas costas. A T-shirt dela era índigo, os pés estavam descalços e ela estava ajoelhada na calçada a tentar sentar as quatro bonecas de trapo em cima de um caixote virado ao contrário. Mas cada vez que ela chegava à quarta boneca, uma das outras caía para a frente. Divertido, Connor percebeu que a menina estava a

falar com as bonecas, ameaçando-as de ficar bastante chateada se elas não ficassem todas sentadas.

— Comportem-se ou eu dou-vos uma palmada — declarou ela autoritariamente. A primeira boneca tombou e caiu no chão de cara para baixo. A menina apanhou-a e disse: — Magoaste-te? Bom, é bem feito. Não voltes a fazer isso. Vocês são todas *muito* malcomportadas.

— Acho que ela bateu com os dentes — disse Connor, e a menina olhou para ele como se ele fosse doido.

— Ela não tem dentes. É uma boneca.

Tentado a ser desafiador, Connor quase perguntou porque é que então ela se dava ao trabalho de falar com bonecas, já que elas também não tinham ouvidos. Mas como argumentar com uma criança na rua não era propriamente digno, ele disse: — Tens razão, desculpa — e tomou um gole de *Guinness*. Depois enfiou um cigarro na boca, e estava prestes a acendê-lo quando uma vendedora à sua esquerda se levantou subitamente para atender um cliente. Quando ela se deslocou, a longa saia púrpura ondulou em volta das pernas e nessa fracção de segundo Connor reconheceu-a e ficou em estado de choque a olhar fixamente enquanto ela enfiava curgetes num saco de papel, o entregava ao cliente e guardava o dinheiro numa bolsinha de pele que trazia à cintura.

Haviam passado quase cinco anos. Ele estava a olhar para o seu primeiro amor. Quão incrível revê-la naquele momento! Apercebendo-se de que ainda tinha o cigarro apagado na boca, tirou-o e levantou-se.

— Laura!

Capítulo 10

Laura virou-se quando o cliente seguiu para a banca ao lado. Os olhos deles cruzaram-se e o primeiro pensamento que passou pela cabeça de Connor foi que ela não parecia nem de perto tão encantada por vê-lo como ele estava por vê-la.

Acharia ela que ele lhe iria declarar o seu amor eterno? Ou talvez cair de joelhos e fazer uma cena embaraçosa ali mesmo na rua?

Porque não era nada disso que ele ia fazer. Não havia nenhuma vaga de amor e arrependimento. Ele não passara os últimos cinco anos a pensar nela. Era apenas agradável poder revê-la.

— Laura. Que bom ver-te. Estás... hum, fantástica. — Aquilo não era exactamente verdade, mas não se podia propriamente dizer a uma ex-namorada que ela parecia velha. Com os longos cabelos presos numa trança, o rosto delgado e maltratado pelo tempo e as roupas largas, ela parecia uma mulher que vivia às custas da terra. Tinha trinta e um anos mas parecia ter quarenta. Mas isso não interessava, pois ele também devia parecer mais velho.

— Olá, Connor. Que bom ver-te também. — Laura começou a reorganizar as sacas de vegetais na banca. Normal-

mente tão controlada e fria, ele podia perceber que ela estava irritadiça.

— Como é que vai o negócio auto-suficiente? — perguntou Connor porque não havia mais nenhum cliente por perto e seria extremamente indelicado virar costas e ir-se embora.

— Ah, bastante bem. Muito trabalho, claro, mas é o que eu...

— Mamã, posso beber alguma coisa?

Olhando para baixo, Connor viu a menina de jardineiras cor-de-laranja a espreitar para trás da banca.

— Só um minutinho, querida. Estou ocupada.

— É tua filha? — Espantado, Connor disse: — Eh, que ótimas notícias! Parabéns!

— Obrigada. Mia, vai brincar com as tuas bonecas.

— Elas são estúpidas. Detesto as minhas bonecas. — A menina encheu as bochechas de ar e depois disse: — Tenho sede.

— E se eu lhe fosse buscar alguma coisa ali ao pub? — sugeriu Connor porque Laura parecia agitada. — Uma *Coca-Cola* ou coisa do estilo?

Ele estava só a tentar ser prestável. Mia olhou para ele de olhos arregalados. Pela expressão de Laura, pensar-se-ia que ele tinha sugerido comprar à filha um bourbon triplo com gelo.

— Ela não bebe porcarias dessas. Já vou buscar-lhe um pouco de água. Bem, foi bom voltar a ver-te...

— Mia. É um nome bonito — disse Connor. — Quantos anos tens?

— Três — disse Laura apressadamente.

— Não tenho *nada*. — Mia parecia indignada. — Tenho quatro!

Quatro. A resposta era uma coisa, mas foi a expressão na cara de Laura que fez Connor reparar. Porque é que ela haveria de mentir?

Porquê?

Sentindo-se zozzo de estupefacção, Connor disse cuidadosamente: — Quando é que fazes anos, Mia?

Mia parou, pensou um pouco e finalmente disse: — Quando recebo prendas.

Connor estava a tremer. Olhou cuidadosamente para a menina à sua frente, com os enormes olhos cinzentos, o nariz batatinha e o queixo determinado. Depois voltou a olhar para Laura, que tinha empalidecido, e disse em voz baixa: — Ela é...? Ela é...?

Só que ele já sabia que era.

Um dos vendedores vizinhos foi persuadido a tomar conta de Mia e a vigiar a banca de Laura.

Laura levou Connor através de uma série de ruelas, para longe do mercado. Enquanto ele a seguia, milhares de pensamentos atravessavam a sua mente, enleando-se como elástico e disparando em todas as direcções. Um bebé, meu Deus; nem sequer um bebé, uma menina de quatro anos que já falava e andava. Sou pai, sou pai há quatro anos...

Aquilo era de enlouquecer, quase de mais para suportar. Contudo, ao mesmo tempo que digeria a informação, Connor estava ciente de que não estava a reagir com a sensação de horror que dominava alguns homens que se deparavam com a inesperada realidade da paternidade. Ele sempre sentira algum desprezo por aqueles seus conhecidos que

depois de descobrirem que as namoradas estavam grávidas, argumentavam que não estavam simplesmente preparados para o desafio e saltavam imediatamente fora. Ou homens casados que decidiam que a vida familiar já não era para eles e que abandonavam mulher e filhos, não se importando com a devastação que causavam. Connor não era nenhum sonso, mas nunca compreendera como aqueles homens conseguiam viver com as suas consciências. Segundo o seu ponto de vista, tal egoísmo era inacreditável. Mas também, ele nunca estivera numa situação semelhante. Talvez quando lhe acontecesse a ele, ele não tivesse tantos princípios nem fosse tão heróico.

Mas agora *tinha* acontecido e Connor soube instintivamente que seria incapaz de virar as costas a Mia. Ele nem sequer tinha vontade de o fazer. Ela existia, era do seu próprio sangue. Ao contrário do que se poderia esperar – e ele estava ciente de que ainda estava num considerável estado de choque –, ele já estava desejoso de vê-la novamente, de conhecê-la, de descobrir como é que ela era.

Chegaram finalmente a um pequeno parque. Laura sentou-se na relva e disse: — Vou ficar com um torcicolo se tiver de olhar para cima para falar contigo.

Connor sentou-se de pernas cruzadas em frente dela.

— Ela é minha filha — disse ele calmamente.

Laura acenou afirmativamente com a cabeça. — Sim.

— Devias ter-me contado. — Connor abanou a cabeça; que tipo de filho da mãe sem coração é que ela achava que era?

— Não — disse Laura.

— Sim! Eu teria ficado contigo — exclamou Connor. — Ok, eu sei que era novo, mas nunca te teria abandonado num

momento difícil! Não precisavas de te ter mudado, ter-nos-íamos arranjado de alguma forma...

— Connor, eu sei que tu não me terias abandonado — disse Laura com suavidade. — Tu eras um menino muito querido e doce, e ainda és, e nunca terias pensado em abandonar alguém num momento difícil. Mas é que eu não engravidei por acaso.

Bomba número dois.

— O quê?! — Connor indagou-se se seria aquela a sensação de se ser atingido por um raio. — Mas... mas tu estavas a tomar a pílula.

— Errado. Eu disse-te que estava a tomar a pílula. Porque se não tivesse dito, tu terias insistido em usar preservativos, o que não encaixava nada nos meus planos. — Laura fez um sorriso ténue. — Sabes, eu já me tinha decidido. Queria um bebé.

Ela sempre tinha sido a pessoa mais independente e determinada que ele conhecera.

— Um bebé — ecoou Connor — mas não um companheiro? Nenhum marido ou namorado para te ajudar a criar a criança?

— O bebé era a coisa mais importante. — Laura já estava mais calma e a recuperar o controlo. — Claro que se eu tivesse encontrado o homem perfeito, não o teria abandonado. Mas não encontrei. Encontrei-te a ti e tu eras só um menino. Eu nunca teria sonhado em impor-te a responsabilidade de um filho. Por outro lado, não podia ter pedido melhor pai para o meu bebé. Eras alto, tinhas um físico óptimo, eras saudável, inteligente e bondoso... convenhamos, geneticamente eras perfeito.

Perplexo, Connor disse: — Era isso que eu era? Um dador de esperma?

— Oh, Connor, não vejas assim as coisas. Eu queria um bebé com as tuas qualidades. Não podes pensar nisso como um elogio?

— E a Mia? Sendo criada sem um pai?

— Muitas crianças crescem sem pai. — O maxilar de Laura retesou. — A mim não me fez mal nenhum.

Como aquele não era o momento de iniciar uma discussão, Connor deixou passar.

— Então e agora?

— Agora, nada — disse Laura. — Nada mudou. És livre de te ires embora e de esqueceres que alguma vez nos viste.

— Meu Deus, não acredito que estou a ouvir isto! — A raiva cresceu dentro dele. — Eu não te dei uma camisola de lã velha, Laura! Se tivesse dado, e a tivesses desmanchado e feito com ela um cachecol, posso compreender que não teria o direito de te exigir que me devolvesse a lã! Mas nós criámos um ser humano. Não podes esperar realmente que eu vire simplesmente as costas à minha filha como se ela não existisse!

— Porque não? Há muitas pessoas que o fazem. — Uma lágrima pingou do queixo de Laura para cima da camisa e Connor lembrou-se que o pai dela a abandonara e à mãe pouco depois de ela nascer.

— Bem, eu não consigo — declarou ele.

— Connor, tens vinte e um anos. Tiveste uma paixoneta por mim e nós divertimo-nos, mas não nos amamos. A Mia e eu estamos bem assim, só nós as duas. É amoroso da tua parte ofereceres-te para ajudar, mas não precisamos da confusão de um homem na nossa vida. E não devias fumar — acrescen-

tou ela firmemente quando ele tirou o maço e um isqueiro do bolso.

— Porque não? Vai tolher o meu crescimento? — Ele tinha um metro e oitenta e nove de altura e acendeu o cigarro com um ar desafiante de não-mandas-em-mim.

— Talvez não, mas poderia certamente tolher a tua respiração. Podia matar-te — disse Laura. — Mais, é uma coisa bastante imatura de fazer.

Imatura. Pressentindo as munições para mais argumentação, Connor apagou o cigarro na relva, abriu o maço e atirou os restantes cigarros ao ar.

— Estás a sujar o chão — disse Laura. Mas estava perigosamente prestes a sorrir.

Depois de apanhar os cigarros espalhados e de os deitar com aparato num caixote de lixo – excepto um, que guardou para mais tarde no bolso da camisa –, Connor voltou a sentar-se na relva ao lado de Laura. Curioso... ele não sentia nenhuma vontade de a beijar.

— Olha, tu não me queres e eu não te quero, mas não seria melhor para a Mia ter um pai? Eu não vos iria atrapalhar, prometo. Podia vê-la apenas ocasionalmente. — Connor apresentou o seu caso com cuidado. — Mas estaria presente se precisassem de mim. Pensa em mim como um reforço de emergência. Se alguma vez quisesses passar fora o fim-de-semana, eu podia tomar conta da Mia. Se alguma coisa te acontecesse, ela ia ter alguém conhecido para tomar conta dela até tu recuperares — acrescentou ele rapidamente, porque Laura estava com um ar alarmado. Encolhendo os ombros, ele disse: — Ser mãe solteira deve ser cansativo. Só estou a dizer que podia ser útil.

Uma vida inteira a desconfiar dos homens tinha deixado marca em Laura. Ela levantou as mãos para o fazer parar.

— Ok, estás a dizer isso agora, mas e quando a novidade passar? Se eu disser à Mia que és pai dela, como é que ela se vai sentir daqui a alguns anos quando decidires que não te apetece vê-la mais? Ela ia ficar devastada.

— Não ia, não — disse Connor pacientemente — porque eu nunca lhe faria uma coisa dessas. Mas tu não acreditas em mim, por isso que tal combinarmos uma coisa? Não dizes à Mia que eu sou pai dela. Serei apenas um amigo teu. Dessa forma, ela vai poder habituar-se a mim. — Ele parou, mantendo um ar sério. — E depois já não será assim um choque tão grande quando lhe contarmos a verdade no dia em que ela fizer cinquenta anos.

— Mia? Vem cá, querida, e diz olá a um amigo meu. O nome dele é Connor.

— Olá. — Connor agachou-se para ficar ao mesmo nível de Mia. — Muito gosto em conhecer-te.

Assim de perto, ele reparou que as pontas das longas pestanas dela eram douradas, como as dele. Os olhos dela eram de um cinza-prateado e atentos. Havia uma mancha de lama numa das bochechas. A filha dele. Deus, ele estava mesmo a olhar para a *filha*. Era um momento emotivo para ser...

— Como num gelado — disse Mia.

— Hum... desculpa?

Ela afastou-se abruptamente e desapareceu atrás da bancada, reaparecendo momentos depois com um cone de

gelado. — Como num gelado — explicou Mia. — Aqui está um *cone*.

— Muito bem. É quase o mesmo. — Ele escondeu um sorriso. — Mas eu chamo-me Connor.

Mia olhou para ele, nada impressionada. — Eu sei.

— O Connor vem visitar-nos no domingo — disse Laura alegremente. — Ele vai à nossa casa. É bom, não é?

— Sim. — Mia acenou obedientemente com a cabeça. — Sabes o que são dentes-de-leão?

— Sim. — Connor esperou para ouvir que comentário profundo se seguiria.

— São amarelos.

— Sabes o que são vacas? — disse Connor para não ficar atrás.

— Sim.

— Fazem muuuu.

Ele queria muito fazer a filha rir e concluir que ela gostava dele. Mas, em vez disso, Mia lançou-lhe um olhar de desdém.

— Mas as vacas não são amarelas.

Hum.

— Não há vacas amarelas onde vocês vivem? — Connor fez um ar desolado.

— Não. As vacas não são amarelas, *nunca*. Gostas de biscoitos?

— Sim.

Mia acenou com a cabeça. — Eu também.

— Toma. — Com pena dele, Laura entregou-lhe um pedaço de papel. — Tens aí a nossa morada e um mapa de como chegar lá.

Connor olhou para o papel. Teria ela acabado de engendrar aquilo, escrevendo um endereço falso e inventando um mapa a condizer?

— Não te preocupes. — Adivinhando o que se passaria pela cabeça dele, Laura sorriu. — É aí mesmo que nós vivemos.

Era o décimo aniversário de Mia. Connor disse: — Mia, senta-te, tenho uma coisa para te dizer.

Mia tinha vestido naquele dia uns calções púrpura e uma T-shirt verde-limão, e calçava umas sapatilhas sujas. Sentando-se obedientemente ao lado de Connor no sofá, abraçou os joelhos magros bronzeados, espectacularmente esfolados devido a uma queda recente de cima de uma macieira, e disse: — O que é?

Connor respirou fundo. Ele tinha estado a ensaiar aquilo a manhã toda. Só que, por mais que se esforçasse, não havia realmente maneira nenhuma de diminuir o impacto. Como Mia era mestra em ir directo ao assunto, ele decidira seguir-lhe o exemplo.

— Bem, tu conheces o teu pai.

— O quê?

Oh, Deus, ele já estava a fazer asneira! O problema é que ela *não* conhecia o pai. *Belo começo*, pensou Connor, *muito bem*.

— Bem, é... hum, tu sabes... sou eu.

— Connor, o que é que estás a tentar dizer?

— Eu. — Ele apontou para o peito. — Sou o teu pai.

Mia olhou seriamente para ele durante vários segundos. Finalmente um sorriso lento formou-se na sua boca.

— A sério?

— A sério.

— Bem me parecia.

— Desculpa?

— Achei que podias ser — disse Mia.

Connor indagou-se se ela teria percebido.

— Achaste que eu podia ser o teu pai? — Quando Mia acenou calmamente com a cabeça em concordância, ele disse:

— Como? Porquê?

— Bem, por que outra razão estavas sempre a visitar-nos? Já tenho dez anos e tu vens ver-nos há anos. Mas não és namorado da mamã — explicou pacientemente Mia. — Por isso achei um bocado estranho. E jogas ao Monopólio e ténis comigo. Quando os namorados da mamã cá vêm, eles nunca querem fazer coisas dessas. Dizem-me sempre para ir brincar lá para fora.

Abanando a cabeça, Connor maravilhou-se com a lógica. — Mas nunca disseste nada.

— Disse uma vez. Perguntei à mamã, mas ela disse que não, que tu eras apenas um amigo. Por isso eu nunca mais toquei no assunto. Sabes como é a mãe. Mas continuei a pensar que tinha razão.

— E agora? — Cuidadosamente, Connor disse: — Não faz mal? Estás feliz?

Mia fez-lhe uma expressão de estás-a-gozar. — Claro que estou feliz! Adoro ter razão!

— Papá, papá, olha o que eu fiz!

Connor ficou de boca aberta quando viu a sua adorada filha levantar o top para mostrar uma tatuagem de um malme-

quer à volta do umbigo. Horrorizado, resmungou: — Só tens treze anos! Não posso acreditar que a tua mãe te deixou fazer uma coisa dessas! Meu Deus! Que espécie de loja de tatuagens se arriscaria...

— Não é uma tatuagem verdadeira. — Sorrindo, Mia disse: — Eu adoro-te mesmo, papá. É tão fácil enervar-te.

— Feliz aniversário, querida! — Quando Mia voou para os braços dele, Connor pegou-a ao colo e rodopiou-a.

— *Aaah!* — gritou Laura, porque a camisa turquesa de Mia ondulara para cima para revelar uma tatuagem de um golfinho a espreitar sobre a cintura descaída das calças de ganga desbotadas.

Pondo a filha no chão para ver para o que é que Laura estava a apontar, Connor disse: — É só um decalque; sai depois de um ou dois dias.

— Na verdade, não é. — Mia sorriu com orgulho. — É verdadeira.

Horrorizado, Connor disse: — Mas só tens dezasseis anos!

— Exactamente. Sou praticamente uma adulta. — Baticando no golfinho com orgulho, Mia disse: — Mas é tão querido que tu não consigas distinguir um decalque de uma tatuagem verdadeira, pai.

— Dezasseis — repetiu Connor. Na sua cabeça, ela ainda era uma menina de quatro anos com minhocas nos bolsos e falhas nos dentes.

— Calma, pai. Realmente, és mesmo um dinossauro! Sabes, oficialmente já tenho idade para me casar. — Maliciosa-

mente, acrescentou: — Agradece à tua estrela da sorte eu não ter feito isso.

Connor estremeceu ao recordar. Pelo menos não tinham aparecido mais tatuagens nos últimos oito meses. Bem, pelo menos nenhuma de que ele tivesse conhecimento. Depois estremeceu de novo porque a boca tinha acabado de pegar fogo.

— Oh, desculpa — disse Mia. — Um pouco picante de mais para ti?

Através de olhos lacrimejantes, Connor viu que a filha estava a comer calmamente um prato de ovos fritos com tostas nadando num mar de molho chili vermelho-vivo.

Apontando para a quantidade relativamente modesta de molho que tinha no prato, ele disse: — Um pouco picante de mais para mim? É provavelmente o molho de malagueta mais picante do planeta! Onde é que arranjaste isto?

— Numa mercearia fantástica em Dublin. Chama-se molho de pimento *scotch bonnet*. Toma, bebe um pouco de água. — Mia já estava a afastar-se da pia com um copo cheio. — Pobre paizinho, só cheguei há dez minutos e já achas que estou a tentar envenenar-te.

Depois de beber a água toda de enfiada, Connor verificou cautelosamente se os dentes não lhe tinham caído. — Então, quanto tempo é que vais ficar?

Mia pousou o garfo. — Bem, eu tenho andado a pensar no meu futuro. A mamã e eu estávamos a ter no outro dia uma conversa sobre o assunto. Eu passei basicamente os últimos dezasseis anos a viver num minifundiário auto-suficiente no meio do campo. O que tem sido fantástico, mas sinto que pre-

ciso de uma mudança de ambiente se quero tornar-me uma pessoa completa.

Aquela era uma resposta mais rebuscada do que Connor esperara. O molho picante estava a produzir um tipo de queimadura aterradora na garganta, garantindo que ele não se esquecesse dele tão depressa. Ele acenou afirmativamente com a cabeça de uma forma um pouco alheada, só para indicar que ainda estava a ouvir.

— Quero dizer, a vida é muito mais do que limpar cocó de galinha e arrancar ervas daninhas. — Erguendo as sobrançelas, Mia disse: — Na minha idade, eu devia expandir os meus horizontes, descobrir novas pessoas e lugares, experimentar coisas novas...

— Se alguma vez na tua vida experimentares drogas, eu...

— Ora, poupa-me pai. As drogas são para os falhados. Continuando, como eu disse, a mamã e eu tivemos uma grande conversa sobre o assunto e pensámos: que tal se eu viesse viver contigo?

O chili ainda estava provavelmente a arder, mas Connor já não sentia nada.

— Quando?

Mia estendeu os braços às riscas amarelas e pretas e disse num tom encorajador: — Bem, estou aqui. Por isso, que tal agora?

— E para que escola irias?

— Eu não vou voltar para a escola. Os vintes não têm qualquer significado hoje em dia. Prefiro arranjar um emprego e começar a construir uma carreira. Não faz mal, a mãe e eu já conversámos sobre isso.

— Que tipo de trabalho tinhas em mente? — Connor não duvidava por um momento que ela tinha alguma coisa em mente.

— Bem, achei que poderia treinar para me tornar a próxima campeã comedora de chili. — Mia sorriu, passou um dedo indicador pelo molho de chili que tinha no prato e enfiou-o na boca. — Na realidade, gostava de vir trabalhar para ti.

— E a tua mãe fica feliz com isso? — Connor teve de perguntar, embora parecesse, sem dúvida, que Laura e Mia já tinham tudo planeado.

— A mamã é ótima. Ela compreende como me sinto. Já passei tempo suficiente a viver no meio de nenhures. Está na altura de avançar, descobrir qual é a sensação de viver no meio de *algures*. — Mia olhou ansiosamente para ele. — Desde que tu também fiques feliz com isso.

Feliz? Ele passara os últimos anos a sonhar com aquele dia. Na sua imaginação, ele não esperara que acontecesse até Mia terminar a universidade, mas nessa altura ela já teria vinte e um anos, e as hipóteses de querer viver com o velho jarreta do pai seriam remotas. Que rapariga de vinte e um anos de idade com auto-estima consideraria, afinal, uma coisa dessas, quando podia partilhar um apartamento imundo em Hoxton com uma malta igualmente asquerosa na casa dos vinte?

— Estou feliz. — Com o coração cheio de amor pela sua bela e determinada filha, Connor sorriu e disse: — Não me ocorre nada melhor.

— Viva! — Mia abraçou-o. — Obrigada, pai. Posso ir agora tomar o meu banho?

O telefone tocou quinze minutos depois. Com uma voz

tensa, Laura disse sem preâmbulos: — Sou eu. Escuta, a Mia desapareceu. Não sei onde é que ela está. Oh, meu Deus! Ligaram-me da escola a dizer-me que ela não apareceu...

— Espera — Connor interrompeu a torrente de frases bruscas. — A Mia está aqui. Apareceu há cerca de uma hora.

— *O quê?* — O alívio foi em menos de um segundo substituído por irritação. — Connor, nem sequer te ocorreu que eu ia estar louca de preocupação? Devias ter-me ligado!

— Pensei que sabias. A Mia disse-me que achavas bem ela deixar a escola e vir viver comigo.

— Oh, pelo amor de Deus! Estás a falar a sério? *Deixar a escola?* Era lá que ela devia estar neste momento! Passa-lhe o telefone — ordenou Laura.

— Ela está a tomar banho. — Connor percebeu que tinha sido bem enganado.

— Então manda-a de volta — disse firmemente Laura. — Ela não pode fazer isto, ela só tem dezasseis anos. Diz-lhe que ela não pode fazer disparates desta maneira e manda-a de volta.

— Adoro esta casa! — De cabelo molhado e usando uma T-shirt larga estampada com a frase «Tratem Os Animais Com Compaixão», Mia reapareceu quarenta minutos depois. — Não fazes ideia que luxo é abrir as torneiras da banheira e saber que a água vai sair. E secarmo-nos numa toalha fofinha em vez de ser naquelas horríveis toalhas antigas que parecem lixa...

— Porque é que não dás uma ligadela à tua mãe, só para a avisares que chegaste bem? — sugeriu Connor.

Os olhos de Mia desviaram-se culposamente dele. Depois ela endireitou os ombros. — Ok, pai. Uma coisa: eu menti.

— E outra coisa — disse Connor. — Eu já sei.

— Oh.

— A Laura acabou de telefonar. Ela estava morta de preocupação.

— Desculpa — disse Mia bruscamente. — Eu tentei realmente conversar com ela sobre o assunto, mas ela não me deu ouvidos e eu preferia tanto estar aqui!

— Ela quer que voltes para casa. — Connor viu-a estremeecer. — E eu quero que me prometas que nunca mais voltas a mentir-me.

— Está bem. — Sentindo-se miseravelmente, Mia abanou a cabeça. — Nunca mais minto. Oh, Deus! — Enterrou a cara nas mãos. — Tenho de voltar?

— Não.

A cabeça de Mia levantou-se num ápice. — O quê?

— Eu convenci a Laura a deixar-te ficar.

— *A sério?*

— Ela não está nada satisfeita com a questão da escola — avisou Connor.

— Bem, eu já sabia, já conversámos sobre isso diversas vezes. Mas eu preferia construir uma carreira — argumentou Mia antes que ele pudesse fazer do regresso à escola uma condição para ela ficar em Londres. — Quero dizer, antigamente ter um diploma significava alguma coisa para os empregadores, mas hoje em dia toda a gente vai para a faculdade, *toda* a gente tem diploma e isso parece-me...bem, que importância tem? Eles arranjam emprego?

Felizmente para ela, Connor estava de acordo. Ele en-

trevistara bastantes licenciados ignorantes no seu tempo. O instinto dizia-lhe que Mia conseguiria alcançar aquilo a que se propusesse. Ela tinha mais energia e determinação do que qualquer outra pessoa que ele conhecia.

— Eu disse-lhe praticamente a mesma coisa. É por isso que vamos dar-te uma oportunidade.

— Papá, tu és um génio.

— Eu sei.

— Será melhor ligar à mãe para lhe pedir desculpa?

— É uma ideia — disse Connor.

— Depois eu visto-me e nós partimos.

Confuso, Connor perguntou: — Partimos para onde?

Mia abanou a cabeça em desespero. — Vá lá, pai, concentra-te. Para o Lazy B, claro! Quero começar já a trabalhar!

Capítulo 11

Nancy sentia que estava tudo errado. A facilidade com que esquecera Jonathan era até embaraçosa. Ela lera os consultórios sentimentais, assistira aos programas de televisão diurnos, vira o suficiente nos jornais: quando um casamento acabava inesperadamente, ficava-se arrasado pelo menos durante um ano. Afinal, tratava-se de uma grande alteração na vida da pessoa. Antes estivera casada e vivia na Escócia. Naquele momento estava em Londres e outra vez solteira. No mínimo ela deveria ter tido a decência de ter perdido o apetite.

Mas em vez de se arrastar de um lado para o outro a sentir-se deprimida, ela estava a adorar cada minuto. Ficar casada por se sentir na obrigação de cumprir os votos tinha – ela conseguia admiti-lo naquele momento – sido um fardo. Libertar-se dessa obrigação era uma sensação ótima.

A campanha da porta tocou e Nancy deu um salto. Bolas, se fosse Rennie, ela estava em apuros!

Limpendo apressadamente as mãos num pedaço de papel de cozinha, despejou tudo para dentro de uma tigela e escondeu-a na máquina de secar roupa. O objecto no qual passara as últimas duas horas a trabalhar enfiou-o no forno, que, graças a Deus, não estava ligado.

A habilidade de Rennie para perder as chaves – ou sair de casa sem elas – ia garantir-lhe um lugar no *Livro dos Recordes*. Enquanto se dirigia para a porta, Nancy indagou-se se atar-lhe um fio à volta do pescoço resultaria.

Mas não era Rennie.

— Olá! Sou a Mia Corrigan. Acabei de me mudar para a casa ao lado. — A rapariga de olhos vivos com colete e bermudas caqui parecia ter cerca de dezassete anos, o que Nancy não conseguiu evitar pensar que seria demasiado jovem para o vizinho. — Bem, não acabei apenas de me mudar. Cheguei ontem à tarde. Bem, achei que podia aparecer de qualquer forma, mas estou a tentar fazer um pudim Yorkshire. Já bati os ovos e agora descobri que não há farinha nenhuma em casa, por isso lembrei-me de perguntar se me poderias dispensar alguma.

Bermudas caqui. Longos brincos de prata. Pequena tatuagem de golfinho visível abaixo do colete. Era uma pergunta tão improvável que Nancy quase desatou a rir.

— Hum... sim.

— Ótimo! Podes emprestar-me um bocado? Estas casas podem ser o supra-sumo, mas não ficam muito próximas das lojas. Bem, não do tipo de lojas que vendem farinha — corrigiu Mia Corrigan. — Claro que se estivermos à procura de sapatos de milhares de libras, temos muito por onde escolher. E antiquários a vender jarras Ming por cerca de um milhão. Desculpa, estou a falar depressa de mais? A minha mãe diz que eu falo pelos cotovelos. Mas não achas que é uma loucura? Como é que uma porcaria de uma peça de cerâmica pode valer assim tanto só porque é velha e ainda não se partiu?

A rapariga podia ser animada e vivaz, mas era *muito* nova para Connor O'Shea. Nancy ainda não o conhecia – ele

chegara de umas férias em Barbados, ou de outro sítio qualquer, apenas uns dias antes – mas ela vira-o na manhã anterior de relance quando ele saíra para o trabalho e sabia por Carmen e Rennie que ele andava pela casa dos trinta. Como é que a mãe de Mia permitia que ela fosse viver com um homem na idade dela?

— A isso é que eu chamo um armário de comida como deve ser. — Mia acenou aprovativamente com a cabeça quando Nancy abriu o armário e localizou a farinha. — Devias ver o nosso. Sem remédio. Vou ter um trabalhão ali, posso assegurar-te. Há leite e cerveja no frigorífico, pizzas e refeições prontas no congelador e mais nada. Não me passou pela cabeça que não houvesse farinha no armário. Quando o abri, encontrei um leitor de CD e uma camisola de rãguebi. — Abanando a cabeça em desespero, ela disse: — Mas deixa-me dizer-te uma coisa, as coisas vão mudar. Dá-me uma semana e aquela cozinha nem vai saber o que lhe aconteceu!

Percebendo que Mia se tinha sentado num dos bancos e que se estava a pôr totalmente à vontade, Nancy disse: — Queres uma chávena de chá?

— Adoraria, obrigada. — A rapariga sorriu abertamente para ela. — Não sei como te chamas.

— Nancy.

— Nancy. É um nome muito fixe! Bem, é um prazer conhecer-te. — Mia viu Nancy a fazer o chá e depois estendeu a mão e arrancou uma coisa azul da superfície da mesa. — O que é isto? Plasticina? Eh, não sabia que tinhas filhos! Se alguma vez precisares de uma ama...

— Eu não tenho filhos. E esta é a casa da minha amiga Carmen — explicou Nancy. — Só estou a passar cá uns

tempos. — Depois, porque eram quase seis horas e ela queria mesmo acabar o que estava a fazer antes de Rennie regressar, Nancy dirigiu-se à secadora de roupa e tirou de lá a tigela. Para sua alegria, Mia nem pestanejou. Em seguida, Nancy abriu a porta do forno, tirou o bolo e levou-o até à mesa.

— Uau! — disse Mia. Percebendo que afinal a plasticina não era plasticina, enfiou o pequeno pedaço de açúcar glacê na boca. — Estou mesmo pasmada! Foste tu que fizeste?

O bolo de aniversário era um prato comestível de galinha Madras com arroz pilau tricolor, completo com garfo, tacinhas com *chutney* de manga e *raita* de pepino, com uns chilis por cima.

— É para o Rennie, o cunhado da Carmen. Ele também está cá a passar uns dias e amanhã é o aniversário dele — explicou Nancy. — Galinha Madras é o prato favorito dele.

— Isso é tão fixe! O que é que se pode comer?

— Tudo. Por debaixo é pão-de-ló. A glicerina torna o molho brilhante.

— Como é que fizeste o arroz?

— Passei o açúcar glacê por um ralador de batata e depois cortei as tirinhas.

— Não posso acreditar que não sabe a caril! É a coisa mais engenhosa que eu já vi. É assim que ganhas a vida?

Nancy sorriu. — É apenas um hobby. Olha, vou agora fazer a toalha quente. Passa-me aquela faca e eu mostro-te como é que se faz.

Vinte minutos depois, a porta da frente abriu e fechou quando elas estavam a dar os últimos retoques na toalha quente dobrada. Rennie gritou: — Alguém em casa? — e com uma presença de espírito digna de louvor, Mia entrou em acção.

Quando ele chegou à cozinha, já estava tudo escondido outra vez.

Limpendo apressadamente açúcar de cima da mesa, Nancy disse: — Olá. Esta é a Mia. Ela acabou de se mudar aqui para a casa do lado.

— Olá! — Agarrando na chávena de chá já gelado, Mia olhou para ele com uma curiosidade evidente. — És o tipo da música, certo? A Nancy acabou de me contar. Desculpa, provavelmente eu devia reconhecer-te. — Ela fez um ar apologético. — Sem querer ofender, mas não é mesmo o meu tipo de música. Sou mais do estilo Dolly Parton. As minhas amigas gozam todas comigo, acham que eu sou mesmo esquisita.

Rennie sorriu. — Eu também não diria não à Dolly Parton. De qualquer forma, é um prazer conhecer-te. Acabaste de te mudar para Londres?

Nancy interrogou-se onde seria que Connor O'Shea teria conhecido Mia. Não durante as férias, certamente. A pele clara dela já não via o Sol há meses.

— Agora mesmo — concordou Mia, loquaz. — Sou novinha em folha! Mas não é fantástico ter vizinhos simpáticos? Faz toda a diferença. Não conheço vivalma em Londres, excepto o meu pai.

— E o Connor — lembrou-lhe Nancy.

— Desculpa?

— O Connor. Também o conheces. Isso já faz duas pessoas.

Os cantos da boca de Mia começaram a tremelicar.

— Mal posso esperar por lhe contar isto. Achaste mesmo que ele era meu namorado? Eu tenho dezasseis anos — disse Mia, sorrindo amplamente. — O Connor é meu pai.

Nancy corou de vergonha. Rennie, rindo a bandeiras despregadas, pôs um braço em volta dos ombros dela e disse: — O nome é Falso. Passo em Falso.

Observando com interesse, Mia disse: — E vocês dois? A Nancy é tua namorada?

Francamente, seria possível ficar mais vermelha? Falando atabalhoadamente com embaraço, Nancy disse: — Não, não sou!

Mia ficou impávida. — Mas dão-se bem. Olhem para vocês.

— Eu sou um caso perdido — disse Rennie. — Ela não se ia interessar por alguém como eu.

— Porque não? Têm mais ou menos a mesma idade, não têm? Tu és atraente — disse Mia com uma franqueza alarmante — e tu pareces-me bastante normal.

Num tom sério, Rennie disse: — Eu sou doido, mau e perigoso.

— E eu só me separei do meu marido há duas semanas — declarou Nancy. Como se alguma vez Rennie se fosse interessar por ela.

— Nada como outro homem para esquecer o anterior — disse Mia descaradamente. Depois abanou a cabeça e disse: — Desculpa, desculpa, não devia estar a fazer pouco disso. Mas estás com um óptimo aspecto! Não pareces uma mulher cujo casamento acabou de ir para o brejo. Há duas semanas, caraças! Estás destroçada?

Ela tem dezasseis anos, pensou Nancy. Estou a ser interrogada sobre a minha vida privada por uma miúda de dezasseis anos. Meu Deus, a qualquer momento ela pode começar a dar-me conselhos!

Nancy foi salva dessa indignidade pelo telefone. Rennie, que tinha atendido, trocou algumas palavras antes de lho passar. — É a Rose.

Pedindo licença e saindo da cozinha, Nancy falou com a mãe durante quinze minutos. Quando terminou, Mia já tinha saído com o pacote de farinha e Rennie estava encostado à bancada de sobrolho franzido a ler as instruções num pacote de *boeuf bourgignon* da Marks & Spencer.

— Diz aqui para não pôr no microondas. Isso é escandaloso! Porque é que alguém compraria uma refeição pré-cozinhada se não a pode colocar no microondas? — Perplexo, sacudiu o pacote. — O que é que aconteceria se eu pusesse?

— Não podes. Está numa embalagem de alumínio. Ias explodir com o microondas.

— Raios! Quarenta minutos. — Irritado, Rennie atravessou a cozinha e ligou o forno. — A Mia teve de voltar para fazer o pudim Yorkshire. O que é que se passa? — Olhando para Nancy, ele viu que ela parecia distraída. — Alguma coisa a ver com o Jonathan?

— Hum? Ah, não. Nada a ver com ele. — Nancy franziu o sobrolho. — É a mamã. Ela perdeu o emprego. O lar foi vendido a uma promotora imobiliária.

— E ela ficou sem emprego, assim simplesmente? — As sobrancelhas de Rennie ergueram-se. — O que aconteceu aos velhotes? Foram despejados num contentor do lixo?

— Não foi assim simplesmente. A mamã já sabia há semanas, ela só não quis preocupar-me. Acho que ela estava com esperança de conseguir outro trabalho, mas isso não aconteceu. Ela tem sessenta e oito anos. As pessoas não estão interessadas em contratar uma sexagenária. Não consigo imaginar a

minha mãe sem trabalho — continuou Nancy. — Não é nada o estilo dela. E ela precisa do dinheiro extra, faz uma dif...

— O quê? — disse Rennie quando ela parou a meio de uma sílaba.

— Fora da cozinha! — Tirando-lhe a embalagem de alumínio das mãos, Nancy empurrou-o para a porta. — Eu faço isto. Vai tomar banho ou qualquer coisa.

— Devo estar com um cheiro terrível — disse Rennie com um sorriso.

Assim que ele saiu da cozinha, Nancy correu para o forno e salvou o bolo. Por sorte o forno não tinha aquecido o suficiente para provocar qualquer estrago. Expirando de alívio, ela esperou até a caldeira ligar — abençoado, Rennie estava mesmo a tomar banho — e levou cuidadosamente o bolo até ao quarto dela.

Rose não era a única que precisava de emprego. Nancy sabia que tinha de organizar a própria vida. Ficar ali em Londres, apenas a passar o tempo, não era algo que pudesse fazer indefinidamente. Talvez devesse considerar regressar a Edimburgo e procurar trabalho. Se fosse viver com a mãe, podiam pagar mais facilmente a renda do minúsculo apartamento. Talvez ela conseguisse emprego num grande armazém de lojas ou coisa do estilo.

Olhando pela janela, Nancy viu Carmen, encolhida contra o frio, subindo a rua em direcção a casa. Batendo no vidro da janela, captou a atenção de Carmen e acenou. De faces rosadas e completamente tapada pelo casaco azul e cachecol cor-de-rosa, Carmen olhou para cima e acenou também, e Nancy pensou o quão mais animada ela ficara desde que Rennie fora para lá. Ele era bom para ela, brincava com ela e fazia-a

rir. Nancy desconfiava que Carmen fosse sentir imensas saudades de Rennie – muito mais do que pensava – quando fosse hora de ele partir.

Capítulo 12

Carmen ainda estava no hall a descalçar as luvas e a desenrolar o cachecol do pescoço quando a campainha tocou. Ela abriu a porta e olhou interrogativamente para o estranho à sua frente.

— Sim?

— Oh. Olá. — O estranho à porta, talvez apanhado de surpresa pelo tom dela, disse: — Sou o Joe James.

— E? — Ele tinha um saco ao ombro. Estaria a tentar vender alguma coisa?

Ele enfiou apressadamente a mão no bolso do blusão de pele e retirou uma carta. Quando lha entregou, Carmen indagou-se se teria sido talvez um pouco brusca.

— Vim ver o Rennie Todd. Tenho encontro marcado. Para as quatro horas. — Consultou o relógio. — Cheguei um bocadinho cedo. Peço desculpa. Posso esperar aqui se preferir.

— Não, de modo nenhum. Entre. — Sentindo-se culpada, Carmen apressou Joe James a entrar em casa. O cabeçalho da carta continha o nome de alguma instituição de caridade que ela não conhecia, chamada Topo do Mundo. — Venha até à sala de estar que eu vou chamar o Rennie.

— Ele está no duche. — Escutando por acaso no pa-

tamar das escadas, Nancy bateu à porta da casa de banho e gritou: — Rennie, está aqui uma pessoa para ti!

— Joe James! — gritou Joe educadamente — da Topo do Mundo.

— Joe James! — repetiu Nancy à porta da casa de banho. Ela ouviu a resposta abafada de Rennie e depois desceu as escadas. — Ele demora mais dez minutos. Posso servir-lhe uma bebida?

— Café seria óptimo. Muito obrigado. Não quero incomodar — disse Joe.

— De forma nenhuma. — Nancy desapareceu para dentro da cozinha. Através da porta aberta, Carmen ficou perplexa ao vê-la abrir a máquina de secar roupa e tirar de lá uma tigela de vidro cheia de facas e pacotes sabe-se lá de quê.

Na sala de estar, Joe sentou-se num dos sofás e disse: — Desculpe estar a dar trabalho.

— Não é trabalho nenhum — mentiu Carmen, porque era obrigada a fazer-lhe companhia até Rennie aparecer. Ele tinha um saco de viagem aos pés dentro do qual poderia enfiar todo o tipo de objectos da casa se fosse deixado sozinho.

— É mesmo muito simpático da parte do Rennie receber-me. Nós enviámos montes de cartas para celebridades. Quase mais ninguém se incomodou em responder.

Carmen olhou novamente para a carta que ainda tinha nas mãos. Fora ela própria, ainda na semana anterior, que apanhara Rennie a passar revista a uma pilha de cartas que lhe tinham sido enviadas pela companhia discográfica. Chocada pela forma descontraída com que ele passava rapidamente de umas para as outras – guardo isto, fora com aquilo, respondo

a esta, não respondo àquela –, ela dera a Rennie uma boa reprimenda.

— Que tipo de instituição de caridade é a Topo do Mundo?

— Uma bastante pequena. Ninguém nos conhece. Ainda. — Um pouco mais animado, Joe disse: — Mas estamos a dar o nosso melhor. Ajudamos crianças doentes a fazer o que querem, organizamos viagens e tratamentos para elas. Não podemos arranjar grandes férias no estrangeiro como fazem outras instituições, mas ainda se consegue alegrar o dia de uma criança sem gastar milhares de libras. E quando vemos a alegria nos rostos delas... bem, é simplesmente fantástico.

Tendo ultrapassado o nervosismo inicial, o comportamento dele tinha-se alterado. Encantada com o entusiasmo dele, Carmen também relaxou. — E como é que se envolveu nisso?

— A irmã de um amigo meu morreu há dois anos com um tumor cerebral. Tinha nove anos. Os pais dela fundaram uma instituição de caridade em memória dela. É a fotografia dela aí no fim da página — disse Joe. — Chamava-se Lucy. Era uma menina fantástica.

Carmen examinou a fotografia de Lucy, uma menina de cabelos louros com um sorriso alegre que revelava dentes afastados. De partir o coração.

— E trabalha a tempo inteiro para a instituição?

— Não, faço o melhor que posso no meu tempo livre. Sou canalizador. — Joe fez uma careta. — Não é lá muito interessante.

— Mas é útil. — Carmen sentiu ainda maior simpatia

por ele. — O meu pai era canalizador. Ele adorava o que fazia, ajudando as pessoas quando tinham um problema.

— Essa é a parte boa. Somos o grande salvador quando aparecemos para reparar uma caldeira estragada ou um cano roto. — Os olhos de Joe dançavam. — Ficam encantados por nos ver. Depois, quando enviamos a conta, ligam-nos da sua acolhedora casa com paredes secas e berram «quanto?!»

— E riscam-nos da lista de cartões de Natal. — Rindo, Carmen pensou que olhos tão bonitos ele tinha, quão aberta e honesta era a sua expressão. O cabelo era curto, estilo desgrenhado, ele estava vestido com um pólo azul, umas calças de sarja cremes e os sapatos brilhavam tanto que ela pensou que ele os devia ter polido especialmente para fazer aquela visita.

— Nunca me convidam para as festas delas. — Joe abanou tristemente a cabeça. — Passam por mim na rua e nem me cumprimentam. As pessoas são cruéis.

De cabelo ainda molhado do banho, Rennie irrompeu sala adentro com duas canecas de café nas mãos.

— Hoje em dia já não se arranja pessoal competente. A Nancy fez-me trazer isto. Será que ela não sabe quem eu sou?

— És uma estrela de rock mimada que tem de aprender que nem todos são teus empregados — disse Carmen.

— Ela é tão mandona — queixou-se Rennie a Joe. — Ela também tem estado a mandar em si?

— Não, tem sido muito simpática. — Encantado, Joe levantou-se, pegou nas canecas, pousou-as na mesa e apertou-lhe a mão. — Joe James. É um prazer conhecê-lo. Muito obrigado por ter concordado em fazer isto.

— Posso ficar? — disse Carmen.

— Vê? Mandona e bisbilhoteira. — Sentando-se, Rennie piscou o olho a Carmen. — Claro que podes ficar.

Rennie bebeu o café e ouviu Joe explicar os objectivos da Topo do Mundo. No saco levava T-shirts para Rennie autografar, que seriam posteriormente leiloadas. Rennie também concordara em criar um desenho original que pudesse ser impresso em mais T-shirts e bonés.

— Tenho alguns casacos de tournée e um par de calças de cabedal como prémios de rifas — disse Rennie — mas ainda não vieram da lavandaria. Quando eu terminar os desenhos, envio-lhe tudo por um mensageiro. Na quarta-feira, está bem?

— Ótimo. Vamos organizar um baile para angariação de fundos — explicou Joe a Carmen. — No sábado à noite. Vai ser fantástico. Mas não se incomode a arranjar mensageiro — voltou a atenção para Rennie —, não é preciso. Eu posso vir cá buscar as coisas na quarta-feira de manhã, ou noutra altura conveniente. Quando lhe der mais jeito. Não tem problema.

— Tens uma reunião com o contabilista na quarta-feira de manhã — disse Carmen a Rennie. — Eu estou cá.

— Ótimo. Quarta-feira de manhã. — Acenando avidamente com a cabeça, Joe olhou para Carmen e ela pensou de novo quão simpático ele era.

— Bem, acho que é tudo. — Rennie levantou-se e olhou para o relógio. — Tenho um compromisso às sete e meia.

— Tens um compromisso às sete e meia — zombou Carmen quando Rennie já tinha acompanhado Joe James à porta.

— À frente da televisão a ver a *Coronation Street* — protestou Rennie. — Que mal tem?

— Tens uma reputação a zelar, sabias? As estrelas rock deusas do sexo não vêem habitualmente a *Coronation Street*.

— Pior para elas. Mudando de assunto, que tal tu e o rapaz da caridade? Ele não tirava os olhos de cima de ti. O que é que se passou aqui enquanto eu estive a tomar banho?

Carmen começou a sentir o coração a bater um pouco mais depressa. — Nada. Estávamos só à conversa.

— Hum. Se queres saber a minha opinião, já arranjaste um admirador. É melhor depilares as pernas antes de quarta-feira de manhã — disse Rennie com um sorriso.

Tum-tum, tum-tum, tum-tum, fazia o coração de Carmen contra as costelas.

— Por sorte — disse-lhe ela quando estava a começar o genérico de *Coronation Street* —, nem toda a gente é obcecada por sexo como tu. Algumas pessoas, pessoas com princípios morais, compreendem que há coisas mais importantes na vida do que...

— Chiu. — A atenção de Rennie estava no ecrã de TV. — O que é que o Norris andar­á agora a tramar?

— Sua grande tola! — exclamou Carmen quando Nancy lhe disse o que estava a pensar fazer. — Eu adoro ter-te aqui. Não precisas de voltar para Edimburgo só porque estás com receio de estares a abusar da hospitalidade. Se quiseres ficar aqui durante os próximos cinco anos, por mim não tem problema. É muito melhor ter-te cá em casa.

— A sério? — Nancy ficou incrivelmente tocada.

— A sério.

— E a mim — disse Rennie, que se dirigira à cozinha porque já tinha acabado o episódio de *Coronation Street* e porque sentira o cheiro a cebola e alho fritos. — É muito melhor ter-me também cá em casa.

Carmen revirou os olhos e depois bateu-lhe na mão com uma colher de pau quando ele tentou roubar um cogumelo.

— É muito mais barulhento, isso sim. E nem olhes para o queijo ralado. Estou a fazer uma tortilha.

— E estava eu a pensar que seres cortejada pelo rapaz da caridade te podia ter animado.

— Ele não estava a cortejar-me. Pára de dizer isso ou mando-te de volta para o Savoy.

— A verdade é que eu adoraria ficar, mas estou preocupada com a minha mãe — disse Nancy. — Talvez eu devesse ir até lá fazer-lhe uma visita. Ela nunca se queixa nem se lamenta, mas deve estar a sentir-se péssima. Detesto a ideia de ela estar sozinha e preocupada.

— Porque não a convidamos para vir cá? — disse Carmen. — Achas que ela aceitaria? Podia vir uma ou duas semanas para espairecer um pouco.

— Ótima ideia! — Roubando um cogumelo enquanto ela não estava a olhar, Rennie disse: — Alguém para ficar do meu lado, para variar. Eu e a Rose contra tu e a Nancy. Podíamos formar gangs rivais.

— A sério? Tens a certeza de que não te importavas? — Nancy olhou atentamente para o rosto de Carmen à procura de indícios.

— A ideia foi minha, não foi?

— Vou ligar-lhe agora mesmo. — Abraçando Carmen, Nancy disse: — Ela nunca esteve em Londres.

— Será como o Crocodile Dundee a visitar Nova Iorque. — Rennie sorriu. — Quando ela sair do avião, nem vai saber o que lhe aconteceu.

— Ela nunca viajou de avião. — Nancy sabia o que a mãe iria dizer. — Ela vai querer vir de autocarro.

— Só porque acha que é mais barato — disse Rennie. — Eu reservo-lhe uma passagem na EasyJet. Diz-lhe só que eu vou ficar muito sentido se ela não aceitar.

— Ela não gosta de aceitar coisas de outras pessoas — avisou-o Nancy. — É muito orgulhosa.

— Tudo bem. Diz-lhe para trazer um estufado de galinha. — Rennie encolheu os ombros. — Assim ficamos quites.

Depois daquilo parecia rude importar-se com o facto de Rennie não ter chegado a ver o bolo de aniversário em formato de galinha Madras. Um telefonema do agente de Nova Iorque fizera-o enfiar umas coisas numa mala à meia-noite e apanhar um táxi para Heathrow.

— É a Jessie, ela não está a aguentar-se muito bem — explicou Carmen na manhã seguinte quando Nancy desceu e descobriu que Rennie se tinha ido embora. Dave, o baterista dos Red Lizard, estava nitidamente a passar por um mau bocado na clínica de desintoxicação. Jessie, a sua nervosa mulher, estava a ter dificuldade em suportar as coisas sozinha e enfiara-se na cama com uma garrafa de vodka.

— Não deveria ela estar também numa clínica? — perguntou Nancy.

— Sim, claro, mas o problema é que se tem mesmo de querer largar. E se há alguém capaz de a convencer a fazer isso, é o Rennie. Ele tem muito jeito para ela — disse Carmen. — Ela confia nele. Bom, ele vai fazer os possíveis para lhe organizar as ideias e, com sorte, pode ser que consiga regressar no fim-de-semana. Bem, eu vou trabalhar. Queres que traga comida quando vier para casa?

— Acho ótimo. — No fim-de-semana o bolo de Rennie já estaria seco. Percebendo que mais valia deitá-lo fora, Nancy esforçou-se por não se sentir chateada.

— Indiana? — perguntou Carmen.

Sentindo que já não podia ouvir falar de galinha Madras e de arroz tricolor, Nancy disse: — Preferia que fosse chinesa.

Capítulo 13

Carmen estava contente por ter Rennie fora do seu caminho por uns dias. Os comentários trocistas que ele fazia sobre Joe James não era mesmo nada do que ela estava a precisar naquele momento. Já era suficientemente mau ter sentido uma certa atracção por outro homem e ter descoberto que se esquecera por completo como reagir, sem ter de aturar as piadinhas de Rennie. Para alguém com tanta experiência com o sexo oposto, ele podia ser totalmente infantil quando se tratava de irritar a sofredora cunhada.

Em todo o caso, era quarta-feira de manhã e a boa notícia era que ele estava naquele momento a milhares de quilómetros de distância.

A má notícia era que ele acabara de lhe enviar um fax, uma fotografia nada lisonjeira dela de sutiã e cuecas e com as pernas cheias de pêlos. Por baixo, ele tinha escrito: *Não te esqueças...*

E o pior era que ela não se tinha esquecido. Dizendo para si mesma que não tinha nada a ver com o facto de Joe James lá ir naquela manhã, que era uma coisa que ela faria de qualquer forma, Carmen tinha depilado as pernas na noite anterior.

Não que Rennie fosse saber disso. Ela preferia cortar as pernas do que deixá-lo vê-las e ter de aturar mais comentários irritantes. Já bastava ela estar naquele momento no quarto a pensar no que havia de vestir.

Deus, era como ter de novo quinze anos! Quanto tempo teria passado desde a última vez em que ela experimentara um par de calças e o despira logo em seguida porque não lhe assentava bem?

Pelo amor de Deus! Joe James só ia aparecer lá para ir buscar uma encomenda. Provavelmente ele nem iria entrar em casa!

Que tal as calças listradas e o top turquesa rendado de Nancy?

Quando, às dez horas, a campainha tocou, Carmen tinha um plano. Ela disse para si mesma que não era um plano, mas lá no fundo sabia que era.

Por sorte era também senso comum.

— Olá! Bolas, não percebi que estava a chover! Entre, está tudo na cozinha. Que dia pavoroso. Como é que está? — Tagarelando, ela seguiu à frente dele, rezando para que as faces ruborescidas já se tivessem acalmado quando se virasse de frente para ele.

— Estou ótimo. Desculpe, tenho o casaco molhado. É bom revê-la. — Joe seguiu-a para dentro da cozinha. Quando se virou finalmente, Carmen viu que ele tinha gotas de chuva no cabelo e nas pestanas. Ele usava um blusão impermeável azul e umas calças de ganga desbotadas. E estava a sorrir para ela como se estivesse realmente contente por vê-la.

Tum-tum, tum-tum, tum-tum.

— Bem, o Rennie teve de viajar para os Estados Uni-

dos na segunda à noite, mas eu tenho tudo aqui. As calças de cabedal, os casacos da tournée — Carmen batucou no pacote volumoso — e todas as T-shirts, assinadas antes de ele sair. — Ela tocou no saco de viagem que Joe tinha levado com ele na segunda à tarde e depois no envelope que estava ao lado. — E ele enviou estes desenhos por fax ontem à noite.

— Esplêndido. Somos muito gratos. Por acaso, estava a pensar se...

— O quê?

— Não, nada, não faz mal. — Joe abanou a cabeça e expirou. — É que... não, esqueça.

Sem fôlego, Carmen disse: — Por acaso eu ia também fazer-lhe uma pergunta. Temos tido uns problemazitos com um dos chuveiros. Às vezes a água fica fria sem motivo aparente. Eu tinha pensado se a sua companhia poderia dar uma olhadela nisso.

E pronto, ela tinha sido subtil, não tinha? E era verdade, ela não estava a inventar nada.

— Pode ser que precise apenas de manutenção. — Joe abanou lentamente a cabeça. — Mas depois lá acontece aquela coisa esquisita, não é? O meu patrão envia-lhe uma factura, você acha que é caro de mais, sente-se indignada e depois começa a pensar que foi roubada.

— Não, eu não faria isso — protestou Carmen.

— Bem, lamento, mas não posso correr esse risco. Não, muito má ideia. — Sorrindo ligeiramente, Joe disse: — Por outro lado, podia deixar-me dar agora uma vista de olhos no chuveiro e assim a companhia não teria de lhe mandar nenhuma factura.

— Não posso fazer isso.

— Pode, sim. Pode ser apenas uma válvula calcificada. Eu podia arranjar isso num instante. O meu patrão não precisava de saber. E você ficaria tão agradecida que talvez eu acabasse por fazer a pergunta que não tive coragem de fazer ainda há pouco.

Uau! Aquilo era tão emocionante! Mesmo que ela não tivesse intenção nenhuma de lhe mostrar as pernas ultra-lisas.

— Ok — disse Carmen com timidez.

— Dê-me dois minutos — disse-lhe Joe, encaminhando-se para a porta da rua. — Vou buscar a minha caixa de ferramentas à carrinha.

Carmen empoleirou-se no canto da banheira a ver Joe desmontar habilmente o chuveiro. Era tão agradável ver um homem que sabia o que estava a fazer. Agora, sem o casaco, ela podia admirar a forma como os músculos dos antebraços se contraíam enquanto ele desaparafusava com destreza e verificava cada peça.

— Então, como é que é ter Rennie Todd como patrão?

— Desculpe?

— Como é que é trabalhar para ele? — perguntou Joe quando estendeu a mão para pegar numa chave de fendas. — Parecem dar-se muito bem os dois.

— E damos. — Pensando no fax descarado daquela manhã, Carmen disse: — Bem, a maior parte do tempo. Mas ele não é meu patrão.

Joe fez um ar surpreendido. — Não é?

— O Rennie é meu cunhado. — Ela já era capaz de o

dizer sem temer que a voz tremesse. — Eu fui casada com o Spike.

— Oh, meu Deus! Não tinha percebido. Lamento. — Mortificado, Joe pousou a chave de fendas. — Não fazia ideia.

— Não faz mal. Como é que haveria de fazer? — Algumas mulheres de estrelas de rock adoravam protagonismo, outras não. Carmen sempre preferira manter-se em segundo plano.

— Achei que fosse a assistente pessoal dele ou coisa do estilo. Estou mesmo envergonhado.

— Não esteja. Não faz mal. Para ser franca, gosto bastante que as pessoas não saibam quem eu sou.

Mais tranquilo, Joe disse: — Mesmo assim, ficar aqui nesta casa.

— Na verdade, a casa é minha — disse Carmen. Bem, já que tinha começado, ia até ao fim. — O Rennie está a passar uns tempos aqui comigo.

— C'os diabos! — Desta vez Joe parecia ter ficado realmente perplexo. — Quer dizer que tudo isto é seu?

Envergonhada, Carmen disse: — Foi o Spike que comprou.

— Não consigo imaginar como será ter um lugar como este.

— É como qualquer outra casa, só que maior. Quando o Spike e eu começámos a namorar, não tínhamos dinheiro nenhum — disse Carmen. — Vivíamos num apartamento horrível em Edimburgo. Mas éramos igualmente felizes. Talvez mais — acrescentou ela, porque tinha sido antes de Spike ter começado a experimentar drogas.

— Deve ter sido terrível para si quando ele morreu. La-

mento muito. — Joe pegou num alicate. — Deve sentir imenso a falta dele.

— Sinto. Mas já se passaram três anos. Estou a começar a sentir-me melhor. — Ao ouvir o telefone a começar a tocar no andar inferior, Carmen levantou-se. — É melhor ir atender.

Rennie tinha-se esquecido de cancelar a reunião com o contabilista. Quando Carmen acabou de lhe explicar que Rennie não se encontrava no país e de pedir desculpas em nome dele, Joe já se tinha juntado a ela.

— Está pronto — disse ele, puxando as mangas para baixo no momento em que Carmen desligava o telefone. — Bom como novo. A válvula só precisava de uma boa limpeza.

— Agora tem de me deixar pagar-lhe. Agora que sabe que eu tenho dinheiro para isso.

— Nem pensar. — Joe sorriu. — É por conta da casa.

— Bem, obrigada. — Sentindo-se corajosa, Carmen disse: — Mas agora tem de me dizer o que me queria dizer há bocado.

— Ah, isso. Não posso.

— O prometido é devido. Você prometeu.

— Prometi? Ok. — Joe fez uma pausa, passando os dedos da mão esquerda pelo cabelo escuro. — A verdade? Quando aqui vim na segunda-feira à tarde, achei que você era fantástica. Senti mesmo que nós... que nos tínhamos entendido muito bem. E ontem não consegui parar de pensar em si o dia todo. Por isso decidi convidá-la para sair. Depois pensei se não gostaria de ir comigo ao baile de caridade na sexta-feira à noite, e pensei que seria óptimo se quisesse, já que tínhamos passado uns momentos tão agradáveis... — Ele parou e esperou,

e depois desviou pesarosamente o olhar. — Mas não pode ser. Agora já não posso fazer uma coisa dessas.

Sentindo-se estranhamente zozna, Carmen disse: — Pode, sim.

— Não posso, não.

— Porquê?

— Ora. Sabe bem porquê. Eu achei que você era secretária do Rennie. Mas não é, pois não? É a viúva do Spike Todd. Esta casa é sua. Como é que eu posso convidá-la para sair agora? Está muito fora do meu alcance.

O problema era que Carmen percebia o que ele queria dizer. Não interessava que o que Joe estava a dizer não fosse verdade; ele sentir-se-ia desconfortável porque o facto de ela ter dinheiro fazia toda a diferença. Era por isso que ela nunca dissera a ninguém no abrigo com quem é que tinha sido casada, e também era por isso que ela evitava socializar com o resto do pessoal e dos voluntários. Se eles soubessem que ela vivia numa casa como aquela, iriam tratá-la de um modo diferente.

Era injusto, mas era a realidade da vida.

A forma como Joe estava a olhar para ela fez Carmen querer começar a rasgar notas de vinte libras naquele preciso instante. Era a primeira vez em três anos que ela tinha realmente sentido a magia da atracção física. Percebendo que estava em vias de nunca mais voltar a ver Joe James, disse brusca-mente: — Por favor, convide-me para ir ao baile consigo!

Caraças! De onde é que teria vindo aquilo?

— Eu quero ir ao baile. — Carmen não conseguia acreditar que estava a fazer aquilo, mas situações desesperadas exigiam medidas desesperadas. — Por favor, leve-me consigo.

Mais ninguém precisa de saber quem eu sou, se isso ajudar. É que eu gostava mesmo de ir — concluiu ela. — Consigo.

Pronto, já tinha feito uma autêntica figura de tola. Se Joe recusasse, não havia mais nada que ela pudesse fazer. Excepto talvez enfiar a cabeça dentro do forno, se ao menos este tivesse tido a decência de funcionar a gás.

— Ok. — Joe levantou as mãos e fez um sorriso. — Eu também gostava de ir consigo. Já ganhei o dia.

E eu já ganhei o ano, pensou Carmen alegremente. Cruze! Ela tinha um encontro na sexta-feira à noite!

Ainda bem que Rennie não estava lá para gozar com ela.

Capítulo 14

Podemos levar um cavalo até à água, mas não podemos obrigá-lo a bebê-la. Similarmente, podemos apresentar a nossa filha à nossa namorada, mas não podemos obrigá-las a gostar uma da outra.

Da segurança do seu gabinete, Connor viu Sadie dirigir-se à recepção e fazer uma pergunta a Mia. Ambas estavam a sorrir – bem, a arreganhar os dentes uma à outra – mas a linguagem corporal dizia tudo.

Raios! Porque é que a vida dele não podia ser mais simples?

Connor acendeu um cigarro, coisa que não era permitida, mas aquele ginásio era dele, por isso que se lixasse. Sadie Sylvester tinha vinte e seis anos e ele gostava bastante dela, embora por vezes não conseguisse explicar porquê. O cabelo dela era uma massa tumultuosa de caracóis tingidos num tom vivo de magenta. Ela tinha um corpo curvilíneo, voluptuoso e espantosamente tonificado. Quando ela começara a trabalhar no Lazy B quatro meses antes, a dar aulas de aeróbica e de dança, ele sentira-se atraído pelos olhos sexy rasgados. Daí a pouco tempo já saíam regularmente. Às vezes Sadie era um pouco mandona, e era bastante determinada. Quando vira Connor

pela primeira vez, não lhe passara pela cabeça a hipótese de não conseguir conquistá-lo. Ela era tempestuosa, emotiva e era tão sincera que chegava até a ser rude, mas nunca era entediante.

Vendo bem as coisas, Sadie e Mia tinham bastantes pontos em comum. Teria sido bom se pudessem ter-se dado bem. Mas isso não tinha acontecido; elas tinham decidido odiar-se desde o primeiro momento.

Connor estremeceu ao recordar o primeiro encontro das duas na mesma noite em que Mia se mudara para sua casa. Mia tinha-lhe feito um relato detalhado do acontecido. Sadie tinha decidido aparecer subitamente – ele suspeitava que ela gostava de o controlar –, tocara à campainha às dez da noite e ficara imediatamente de cabelos em pé ao ver Mia, cuja versão de pijama era um top branco minúsculo e uns calções de algodão.

— Quem és tu? O que estás a fazer aqui? Onde está o Connor?

Instantaneamente ofendida pelos modos poucos simpáticos de Sadie – e o cabelo dela também era bastante ofensivo –, Mia irritou-se.

— Tu deves ser a namorada do meu pai. Também é um prazer conhecer-te. O pai está a tomar banho.

— Ah, certo. Vou entrar. Ele não me disse que o tinhas vindo visitar. — Sadie seguiu Mia até à sala, despiu o casaco e entregou-o à jovem com um sorriso forçado. Afastou fastidiosamente migalhas de biscoitos digestivos e depois sentou-se no sofá onde Mia tinha estado.

— Não estou de visita. Vim viver com o meu pai — disse Mia com doçura.

Mia viu com satisfação a boca de Sadie escancarar-se.

Quando, pouco depois, Connor desceu, Sadie levantou-se de um salto do sofá e arrastou-o até à cozinha.

— O que é que se passa? Isto vai ser mesmo assim? — Irritada, Sadie tinha-o bombardeado com perguntas. Ter uma filha de dezasseis anos em casa não encaixava de todo nos planos dela.

— Então, não te exaltes — disse-lhe Connor. — Vai correr tudo bem, vais ver.

— Como é que podes dizer isso? — Sadie revirou os olhos, incrédula. — Isto vai mudar tudo. Para começar, como é que é suposto divertirmo-nos os dois? Não vamos ter privacidade nenhuma!

Connor esfregou cansadamente a testa. Por aquele andar, a casa ia acabar como Beirute: com disparos em todas as direcções.

— Aconteceu tudo muito rapidamente. Assim que tivermos tempo para nos habituarmos à situação, estou certo de que as coisas vão acalmar.

— Pois! — resmungou Sadie, que sabia perfeitamente bem que não iam. — E o que é que ela está a pensar fazer durante o dia? Ir para a escola? Arranjar emprego? Mandriar pela casa sem fazer nada, como a maioria dos adolescentes?

— Ela já tem emprego. No ginásio — disse Connor.

— No *nosso* ginásio?

— Meu ginásio. — Passou pela cabeça de Connor que aquilo podia significar o fim da relação deles. Mia ia para ficar, quer Sadie gostasse ou não. — Pu-la na recepção. Acho que ela se vai dar bem.

O lábio superior de Sadie curvou de escárnio, mas ela

não disse o que estava nitidamente mortinha por dizer. Em vez disso, pressentindo que era indispensável mudar de tática, passou suavemente os dedos pelo decote do robe branco de Connor. O peito dele, tão moreno por causa das férias, estava quente e ainda húmido do banho.

— Vim ver-te. Pensei que pudéssemos fazer amor no sofá da sala.

— Bem, não podemos. A Mia está a ver um documentário sobre pecuária que não termina antes da meia-noite. — Como Mia tinha uma grande preocupação pelo bem-estar dos animais de criação, não podia perder o programa. Connor pensou que no dia seguinte tinha de ir comprar outro aparelho de televisão para pôr no quarto de Mia.

— Ok. Posso adaptar-me. — Sorrindo pela primeira vez, deslizando ambas as mãos por dentro do robe e cravando suavemente os dedos no corpo dele, Sadie disse provocadoramente: — Vamos para o teu quarto. Fazemos à moda antiga, na cama.

Connor abanou a cabeça. — Não podemos deixar a Mia aqui sozinha. Ia ser demasiado óbvio.

— Pelo amor de Deus! O que é que isso *interessa*? És solteiro, tens o direito a ter uma namorada — protestou Sadie. — Ela não pode impedir-te de teres uma vida sexual!

— Eu sei, mas seria embaraçoso. — Tirando delicadamente as mãos dela de dentro do robe dele, Connor disse: — É a primeira noite dela aqui. Vem comigo para a sala ver televisão. Assim que vocês se conhecerem, as coisas...

— Oh, por favor! *Não* vão melhorar. Sentarmo-nos a ver um documentário sobre pecuária não é a minha ideia de diversão. Sexo é que é a minha ideia de diversão, mas não posso

ter sexo com o meu namorado porque muito embora a nossa convidada inesperada não pudesse ver-nos nem ouvir-nos, ela poderia saber o que se estava a passar e sentir-se embaraçada. Não, não te rales comigo! Eu vou para casa e deixo-te a ti e à tua filha em paz. Divirtam-se com as vossas galinhas de aviário!

Quando Sadie já tinha saído, ainda mais furiosa por ter descoberto que Mia tinha largado o seu casaco nas costas de uma cadeira em vez de o ter pendurado no cabide, Connor sentou-se ao lado da filha no sofá.

— Papá, tenho de te dizer uma coisa.

Já estava à espera, pensou Connor. E disse em voz alta: — O quê, querida?

Mia abraçou-se ao braço dele. — Eu sou uma pessoa tolerante e gosto da maioria das pessoas que conheço, mas aquela tua namorada é um caso à parte. Podias conseguir muito melhor.

Connor lembrou-se porque é que bebia. Teoricamente, ele sabia que o álcool era mau para a saúde; era um veneno, era capaz de causar ressacas diabólicas, fazia coisas insidiosas ao fígado e, como ele fumava invariavelmente mais quando estava a beber, acabaria provavelmente por lhe provocar também um cancro nos pulmões.

O problema era que ele gostava imenso de beber. Quando tinha uma cerveja nas mãos, sentia-se feliz. E quando tinha Sadie na cama, também se sentia feliz. Ela era extremamente sexy, tanto que, quando estavam na cama, os aspectos menos adoráveis dela não o incomodavam de todo. Ele estava preparado para deixar passar esses defeitos menores. Que homem não deixaria, quando ela tinha tanto mais para oferecer?

— Veremos — disse ele a Mia. — Ela não é tão má como pensas.

Mia disse calmamente: — Pai, acho que vais descobrir que é.

— Seja como for — Connor decidiu que tinha de lembrar à filha quem é que era o pai —, essa é apenas a tua opinião. É a minha vida, e não a tua, e não a vou moldar ao teu gosto. Não estou a pensar deixar as namoradas que não te agradarem. Por isso vê se dás uma oportunidade à Sadie, ok? Ela não esperava encontrar-te aqui esta noite, mas vai habituar-se à ideia. — *Espero*. — Nunca se sabe, até podem acabar por se tornar grandes amigas.

Naquele momento, vendo a forma como as duas se encravavam, Connor percebeu que era difícil que isso viesse a acontecer. Perversamente – e por mais que amasse a filha decidida –, esse facto só o fazia gostar mais de Sadie. Ela tinha vestido um top desportivo violeta de licra e uns calções de ciclista às listas cor-de-rosa. Cada milímetro do corpo bronzeado e supertoniificado era perfeito. As coxas de Sadie nunca haveriam de saber o que era celulite. Ela exercitava-se como uma atleta olímpica para se manter em forma e prestava igual atenção à maquilhagem. Ele já a vira passar quarenta minutos a maquilhar o rosto. Connor, que achava que ela não precisava, indagava-se se aquela seria outra razão para a desconfiança de Mia em relação a Sadie. Mia achava que havia algo de obsceno na ideia de se gastar vinte libras num batom de marca. Por outro lado, Sadie pertencia à escola de pensamento de Nancy Dell’Olio no que tocava aos cosméticos: nunca eram suficientes.

Os seus olhos escuros dardejavam naquele momento e os caracóis magenta estavam a começar a balançar assustado-

ramente. Quando as vozes delas começaram a erguer-se, Connor saiu do gabinete e dirigiu-se à recepção.

— Ah, ainda bem. — Ao vê-lo, Sadie disse friamente: — Dá-me aqui uma ajuda, está bem? Diz à tua filha para fazer o que lhe mandam e para parar de fazer um bicho-de-sete-cabeças por nada.

— Desculpa? — Mia não tencionava sentir-se intimidada. — O que é que é mais importante? Os sócios que pagam bem para virem a este ginásio ou as tuas unhas falsas?

— Meninas, acalmem-se. — Por sorte a área da recepção estava vazia, mas Connor foi rápido a evitar uma gritaria. — Digam-me o que é que se está a passar e vamos resolver isto, está bem?

— Ela tem dezasseis anos — explodiu Sadie. — Não vai mandar em mim como...

— Não é uma questão de mandar em ti, estou a proteger os interesses dos nossos membros! — Virando-se para Connor, Mia disse: — A Sadie quer alterar a hora da aula de aeróbica das seis de amanhã. Tem uma marcação com a *manicura* — sorriu zombeteiramente quando proferiu a palavra. — Por isso pediu-me para contactar todas as pessoas que frequentam a aula dela e dizer-lhes que íamos começar antes às cinco e meia. Então eu telefonei às três primeiras pessoas da lista mas todas disseram que não conseguiam chegar aqui tão cedo porque não saem do trabalho antes das cinco e meia. E agora ela está a ser desagradável comigo porque eu não quero ligar para os outros números. É ridículo, porque é que eu havia de fazer isso? Eles também não iam conseguir estar aqui antes da hora, pois não? Porque sair mais cedo do trabalho não é profissional!

— Diz a adolescente que tem um emprego há três dias — zombou Sadie. — E como é que conseguiste este emprego? Ah, sim, foi o teu pai que to deu.

— Ok, já chega. — Já tinha chegado a altura de Connor pôr os pés à parede; o problema era que ele não sabia como. — Porque é que não alteras a hora da manicura?

Sadie revirou os olhos à estupidez dele. — É a única hora livre. O Marco viaja para Los Angeles no sábado de manhã. Ele é um dos melhores no ramo e tem a agenda cheia com meses de antecedência. Deus! Eu tive tanta sorte em conseguir esta marcação tão em cima da hora, tu não fazes ideia!

Nitidamente, para Sadie cancelar a marcação com Marco era equivalente a cancelar uma audiência particular com o Papa.

— E se trocasses as aulas com a Leila? — disse Connor. Leila era a outra instrutora de aeróbica.

— Já lhe pedi. — Sadie abanou a cabeça. — Ela não quer. Os pais dela vão fazer uma festa surpresa ao irmão e ela tem de lá estar às oito e meia.

Connor acenou com a cabeça, lembrando-se que Leila lhe tinha falado do assunto. A festa ia decorrer num hotel em Hertfordshire e ela andava preocupada por ter de apanhar o comboio porque reparações nas linhas estavam a causar atrasos.

— Ok. Atende — disse ele a Mia quando o telefone começou a tocar. Depois virou-se para Sadie e acrescentou: — E tu volta para o ginásio. Vou ver o que é que consigo fazer.

A forma como Mia e Sadie contraíram os olhos uma à outra disse tudo. No gabinete, Connor ligou a Leila e tentou persuadi-la.

— Eu trocava — protestou Leila — mas tenho de...

— Eu sei, eu sei. — Connor estava solidário. — É aquele problema com os comboios. E se eu conseguisse um carro para te levar até à festa?

Leila, que era uma rapariga simpática, aceitou a oferta dele. Connor desligou aliviado. Ele sabia que era um tolo. O carro ia custar-lhe uma fortuna. Por um lado, valia a pena ter o problema resolvido. Por outro, Mia ia atazaná-lo quando descobrisse o que ele tinha feito, enquanto Sadie iria achar que tinha vencido a batalha.

Deus, que pesadelo! Porque é que ele não podia ter-se sentido atraído pela meiga, atenciosa e amável Leila em vez da tempestuosa, sexy e voluntariosa Sadie Sylvester?

A vida nunca era assim tão simples, pois não? Leila podia ser anjélica, mas não fazia nada por ele.

Enquanto que Sadie fazia... bem, muitas coisas.

Connor recostou-se na cadeira e acendeu outro cigarro. Ele já sabia que pôr Mia e Sadie a trabalhar ali juntas era um erro. Mas Sadie era muito boa instrutora com um séquito devotado. E Mia estava a encarar o trabalho com satisfação, impressionando toda a gente – exceptuando Sadie – com o seu entusiasmo, alegria e vontade de aprender. Por aquele andar ela ia transformar-se numa empregada de sonho. O plano dela era conseguir chegar a gerente. E já estava provavelmente a fantasiar com o despedimento de Sadie.

O telefone da secretária de Connor começou a tocar.

— Sou eu — disse Laura. — Como é que vão as coisas?

— Maravilhosamente bem. — Através da porta de vidro, ele viu Mia marcar uma aula para um cliente, entregar uma toalha a outro e chamar outro que tinha deixado cair o

cartão de sócio. — Não podiam estar melhor. Queres que lhe passe a ligação para poderes falar com ela?

— Eu já tentei falar com ela — queixou-se Laura. — Telefonei-lhe primeiro. Ela disse-me que não daria uma boa imagem, as pessoas verem a recepcionista a falar com a mãe ao telefone, e além disso ela estava demasiado ocupada para atender chamadas privadas.

Connor sorriu; entre os dois, tinham sem dúvida criado algo único. A filha era a rapariga de dezasseis anos mais madura que ele conhecia.

Capítulo 15

Quando regressou das compras, Nancy pensou que estava a alucinar quando olhou para lá da vedação que circundava o jardim no centro da Fitzallen Square. Estava uma tarde cinzenta e o ar estava denso com nevoeiro, mas a pequena figura encolhida sentada num dos bancos de madeira debaixo de um freixo parecia-se estranhamente com a sua mãe.

Nancy atravessou o portão e olhou mais atentamente para a figura solitária.

— Mãe! És tu?

Rose baixou o capuz transparente do impermeável, acenou e respondeu: — Olá, querida!

Nancy abraçou-a com força; era tão bom rever a mãe, mesmo que fosse como abraçar um doce embrulhado em celofane. Rose até tinha um odor confortavelmente familiar. Nancy abanou a cabeça, incrédula.

— Não era para teres chegado ainda! O Rennie reservou-te bilhete para o voo das quatro. Eu ia esperar-te ao aeroporto!

— Eu sei, querida. Foi por isso que te poupei o trabalho.

— Sorrindo abertamente, de faces coradas do frio, Rose disse:

— Já estou aqui, por isso não precisas de ir até tão longe.

— Mas... como é que vieste? — A razão pela qual Nancy tinha planeado ir esperá-la a Stansted era porque ela sabia que Rose ficaria traumatizada com a perspectiva de ter de encontrar o caminho para Chelsea. Desconfiada, disse: — Não me digas que apanhaste o autocarro.

— O autocarro? Nem pensar. — Rose parecia chocada. — Porque é que eu faria uma coisa dessas quando o avião é muito mais rápido? Não, não, só consultei a página da EasyJet na internet e vi a hora dos voos. Depois liguei-lhes e um rapaz muito simpático conseguiu pôr-me num voo mais cedo.

— Página da *internet*?

— Querida, não estou senil. É um sistema maravilhoso — confidenciou Rose. — Eles têm computadores na biblioteca local, e os bibliotecários são maravilhosos a mostrar-nos como os utilizar. Não vais acreditar no que descobri lá no outro dia. Uma coisa completamente escandalosa!

— O quê? — Nancy até tinha medo de pensar.

— Uma receita de *cloutie dumpling* de uma senhora em Wellington, na Nova Zelândia! — exclamou Rose. — E quando eu lhe enviei um e-mail a perguntar de onde é que ela era, ela disse-me que nunca tinha ido à Escócia! Contudo, a receita dela era excelente. Imagina uma coisa dessas!

Com a cabeça a andar à roda, Nancy disse: — Mas como é que vieste de Stansted até aqui?

— Ora, foi simples! Perguntei a um senhor muito simpático como é que podia vir e ele mostrou-me onde apanhar o comboio até à Liverpool Street. Depois conheci uma família muito simpática no comboio que me explicou a rede do metro. Por isso, quando cheguei à Liverpool Street, comprei um da-

queles livros de A a Z na WH Smith e vi qual era a estação de metro que ficava mais perto.

Já teria ela visto a mãe assim tão relaxada? Incrédula, Nancy disse: — Assim simplesmente?

— Sim. Foi canja. Bem, não nos podemos enganar muito com a Circle Line, pois não? Mais cedo ou mais tarde acabamos por chegar onde queremos.

O que é que se seguiria?, indagou-se Nancy, maravilhada. Anunciaria Rose que iria correr a maratona de Londres? Que se juntara ao programa espacial internacional? Que ia ser apresentadora da meteorologia?

Falando de tempo...

— O que é que ainda estamos a fazer aqui fora? Anda, vamos entrar. Vamos pôr a chaleira ao lume. Há quanto tempo estás aqui à espera?

— Há pouco tempo, amor. Tenho estado aqui a apreciar o jardim. — Rose dobrou-se para pegar na colecção heterogénea de malas, depois endireitou-se e fez um grande sorriso. Pensando que Rose estava a sorrir para ela, Nancy assustou-se quando ouviu a mãe gritar: — Adeus, querida! Adeus, Doreen. Até à próxima. Espero que essa perna melhore rapidamente!

Nancy virou-se e viu um homem na casa dos trinta de cabelo louro comprido a caminhar em direcção a elas através do nevoeiro com um cão pela trela. Das profundezas da sua parka, o homem gritou: — Adeus, Rose, foi um prazer conhecê-la — numa voz suave e inconfundivelmente afectada que fez Nancy arrepiar-se.

— Mãe — sussurrou ela quando ele já se tinha afastado —, aquilo não era uma mulher. Era um *homem*.

— O quê? Não estou a perceber-te, querida.

— Chamaste-lhe *Doreen*. — O nome dele era provavelmente Darren, e Rose tinha percebido mal.

— Meu Deus, tu achas mesmo que eu não estou em condições de andar por aí sozinha, não achas? — Divertida, Rose disse: — O nome dele é Zac e é claro que ele é um homem. Doreen é o nome da cadelinha dele. Ela ficou ontem com a patinha presa numa grelha de esgoto e era por isso que ia a coxear. Bem, podemos ir agora beber o nosso chá?

Ao telefone de Nova Iorque, Rennie insistiu em falar com Rose quando soube que ela tinha chegado bem.

— Sim, sim, estou a divertir-me imenso — garantiu-lhe Rose. — Toda a gente em Londres é tão amável e acolhedora, é como estar numa grande festa simpática. E esta *casa*... bem, é como se tivesse saído de uma daquelas revistas de celebridades.

— Trouxe-me o estufado? — disse Rennie na brincadeira.

— Não, amor, não trouxe. Estava preocupada com a turbulência no avião. Mas faço-te um assim que chegares — prometeu Rose. — E a Carmen anda com desejo de panquecas, por isso vou fazer algumas esta noite.

— A Carmen está aí? Queria dar-lhe uma palavrinha.

— Ela está lá em cima, querido, a arranjar-se para o grande encontro.

Em Nova Iorque, Rennie ergueu as sobrancelhas. — Grande encontro? Com quem?

— Oh, ela disse-me. Deixa-me pensar... como é que se chama o amigo simpático da Carmen? — Subitamente, Rose exclamou: — Ah, sim, já me lembrei. Joe.

— Joe — repetiu Rennie. — Meu Deus! Ela vai mesmo sair com ele?

— Ela está muito entusiasmada — confidenciou Rose. — E também nervosa. Bem, é a primeira tentativa dela desde a morte do Spike. Algumas pessoas levam mais tempo do que outras a ultrapassar estas coisas, não é? Pobrezinha, ela demorou mais tempo do que a maior parte.

— Diga-lhe que fico contente por a rapadela ter resultado — disse Rennie.

— O Rennie pediu-me para te lembrar de dares mais uma rapadela às pernas — comunicou Rose a Carmen quando ela desceu finalmente. — Ele diz que ninguém gosta de uma rapariga com pêlos. Eu expliquei-lhe que tu levavas uma saia comprida e que por isso ninguém ia perceber, mas ele insistiu para que eu te dissesse.

Aposto que sim, pensou Carmen. Por sorte ela estava demasiado ocupada a lidar com os nervos no estômago para reagir à brincadeira de mau gosto de Rennie.

— Estás linda, querida — disse Rose para a tranquilizar.

Carmen fez os possíveis para relaxar os ombros e para não parecer que estava prestes a ter o primeiro encontro romântico em... bem, praticamente toda a vida. Ela e Spike eram tão novos quando tinham começado a andar um com o outro que as suas saídas tinham-se resumido a passeios de mãos dadas pelo parque e nada que se assemelhasse a um encontro propriamente dito.

Agora, verificando ansiosamente a imagem no espelho por cima da estante de livros, ela achava que parecia mais o

Bambi prestes a ser caçado. O relaxamento de ombros não estava a resultar. O vestido azul-escuro, com alças finas e pouco decotado, era bastante simples. O casaco comprido de organza, também azul-escuro, estava salpicado de cristais Swarovski. Ela não usava nada assim tão chique desde o uniforme novinho em folha no primeiro dia na Jessop Lane Primary.

Com alguma sorte, desta vez ela não regressaria a casa toda pintada de vermelho e com alguns botões a cair.

— Estou a ter uma noite maravilhosa — segredou Joe ao ouvido de Carmen, e ela sentiu-se corar de felicidade quando ele a apertou com força. Estavam a dançar lentamente enquanto a banda tocava uma música antiga de Mariah Carey. A cantora não chegava aos pés de Mariah Carey, mas isso não interessava, a banda estava a tocar de graça e o baile tinha sido um sucesso estrondoso.

— Eu também — disse Carmen. Ela tinha-se divertido e tinha gostado de estar ali com Joe. Ele tomara conta dela, apresentando-a com orgulho às pessoas que conhecia. Todos tinham sido amáveis e simpáticos. A conversa na mesa deles fluíra com facilidade; ela não se sentira minimamente constrangida. Joe tinha-lhe dado a mão por debaixo da mesa. Ele estava tão atraente com o seu smoking emprestado. Ele contava anedotas e fazia-a rir. Na companhia dele ela sentia-se relaxada, normal, novamente desejável. Era como sair da hibernação.

— A Sheila chamou-me à parte há pouco — confidenciou Joe — e disse-me que fazíamos um belo casal.

Sheila, grande e volumosa, tinha organizado o sorteio

das rifas. Inocentemente, Carmen disse: — O quê? Tu e ela? Ela não é um pouco velha de mais para ti?

Joe sorriu. — Eu e tu. Ela disse que fazemos um par perfeito. — Joe fez uma pausa e depois acrescentou: — Não posso acreditar que na semana passada por esta altura ainda não te conhecia. E agora, desde que te conheci, não consigo pensar em mais nada. Ainda vais fazer com que eu seja despedido.

— Porquê?

— Não consegui concentrar-me no trabalho o dia todo. — Apertou-a com força. — É tudo culpa tua. Não sou fiável. Se ouvires nas notícias que houve uma grande explosão de gás em Clerkenwell, vais saber quem foi o responsável. Vou ter de andar fugido, vou ser procurado...

— Pára! Não posso suportar isto. Se sou assim um perigo tão grande para a saúde, talvez seja melhor não nos tornarmos a ver.

Joe parou de dançar. — Nunca. — Abanou a cabeça, sorrindo para ela. — Não digas isso. Eu não ia suportar.

— Ok. — Continuaram a dançar. Carmen murmurou: — As pessoas estão a começar a olhar para nós.

— Deixa-as olhar. Não me importo. Escuta, eu estou a fazer isto tudo mal e sei que não devia perguntar, mas nós vamos voltar a ver-nos, não vamos?

Carmen ficou com um nó na garganta. Pensar que estivera preocupada com a hipótese de a noite ser uma desilusão e que Joe pudesse chegar à conclusão de que tinha cometido um erro. Ela acenou lentamente com a cabeça. — Adorava ver-te outra vez.

— E outra vez — disse Joe prontamente.

— E outra, e mais outra e mais outra — concordou Carmen com um ataque de felicidade.

— Ok, eu sei que é demasiado cedo para dizer isto, por isso não vou dizer. — Com a respiração quente no rosto dela, ele murmurou: — Mas neste momento estou a *pensar* que não seria muito difícil apaixonar-me por ti.

Céus! Aquilo era como estar num filme de Hollywood!

— Isso assusta-te? — segredou Joe, começando a dançar de novo quando a música mudou para o «Careless Whisper» de George Michael.

— Um pouco. — Carmen acenou concordantemente com a cabeça.

— Desculpa. Um susto agradável ou um susto do tipo tirem-me este gajo daqui?

Ele era tão adorável. Ela era tão sortuda. E os dedos dele, desenhando pequenos círculos nas costas dela enquanto se moviam juntos ao ritmo da música, estavam a fazê-la arrepiar-se da forma mais deliciosa.

— Um susto muito agradável — disse Carmen.

Os olhos escuros de Joe suavizaram. — Por enquanto, isso basta.